

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA

WARLISON CAVICHIOLI DA SILVA

CORPO, ALMA E ESPÍRITO: Uma etnografia sobre a autoridade espiritual e social do
batismo com Espírito Santo

SANTARÉM

2019

WARLISON CAVICHIOLI DA SILVA

CORPO, ALMA E ESPÍRITO: Uma etnografia sobre a autoridade espiritual e social do
batismo com Espírito Santo

Trabalho de conclusão de curso apresentando ao Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes

SANTARÉM

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFOPA
Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Campus Amazônia

Silva, Warlison Cavichioli da.

Corpo, alma e espírito: uma etnografia sobre a autoridade espiritual e social do batismo com Espírito Santo / Warlison Cavichioli da Silva. - Santarém, 2019.

77f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Eduardo Soares Nunes.

1. Pentecostalismo. 2. Batismo. 3. Devir. I. Nunes, Eduardo Soares, orient. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas

CDD 23 ed. 234.161



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

WARLISON CAVICHIOLI DA SILVA

**"CORPO, ALMA E ESPÍRITO: UMA ETNOGRAFIA SOBRE A AUTORIDADE
ESPIRITUAL E SOCIAL DO BATISMO COM ESPÍRITO SANTO".**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia
com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção
de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal
do Oeste do Pará.

Conceito: 9,0

Data de Aprovação 08 / 03 / 2019

PRESIDENTE: Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof.^a Dr.^a Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof. Dr. André Dionei Fonseca
Universidade Federal do Oeste do Pará

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Oneide Cavichioli da Silva e Francisco Barros da Silva, obrigada pelo amor incondicional e pelo exemplo de vida. Também sou grato à minha avó Angelina Ciceri, que tanto me incentivou e contribuiu com a minha educação.

A todos os amigos adquiri nesta caminhada, em especial; Thais de Oliveira Costa, Isabelle de Oliveira Costa, que tanto me ajudaram ao longo de todos esses anos.

Ao meu orientador Eduardo Soares Nunes, por toda paciência durante as correções, as suas críticas sempre construtivas, que me incentivaram no decorrer deste trabalho.

A todas as pessoas da igreja Assembleia de Deus de Cícero Mendes, que me acolheram e ajudaram em minha pesquisa.

A Vívian Leal, pelo apoio, amor e carinho.

RESUMO

O objetivo central desse trabalho é descrever, segundo a concepção dos fiéis da Assembleia de Deus da comunidade de Cícero Mendes, como a tricotomia da pessoa humana (corpo, alma e espírito) está relacionada com a Santíssima Trindade e ao batismo com Espírito Santo, que através dessa relação proporciona uma mudança no sujeito, concedendo a ele uma autoridade a partir da obtenção de um revestimento de poder espiritual. Evitando tratar o batismo e as manifestações do Espírito Santo como um “transe” ou uma “histeria coletiva”, usei a ideia de *devir* de Deleuze e Guattari (1997), que permite que, ao logo desta etnografia, olhemos para o evento e os efeitos do batismo com fogo como uma ação, que transforma a vida do cristão por completo e não apenas no momento que está na igreja. Os sujeitos estudados trabalham voluntariamente na igreja motivados por dois motivos: quando passou por alguma dificuldade e conseguiu de alguma forma sair dela e atribui a uma dádiva de Deus a pessoa é levada pelo sentimento de *gratidão*; quando não, a pessoa tem um certo receio de ser castigada caso ela se negue a trabalhar na *obra de Deus*, então é *guiada pelo medo*. Isso nos remete à agência divina, à vontade de Deus que se mostra sobre a vida do cristão.

Palavras chaves: Pentecostalismo. Assembleia de Deus. Batismo com Espírito Santo. Agência. Devir.

ABSTRACT

The central objective of this work is to describe, according to the Assembleia de Deus church of Cícero Mendes community believers' conception, how the tricotomy of the human person (body, soul and spirit) is related to the Holy Trinity and to the baptism with the Holy Spirit, which through this relation provides a change in the subject, conferring him or her an authority by the obtaining of a spiritual power coating. Avoiding to treat baptism and manifestations of the Holy Spirit as a "trance" or a "collective hysteria", I used the idea of *becoming* from Deleuze and Guattari (1997) allow us to look throughout the ethnography at the event and the effects of fire baptism as an action that transforms the Christian's life completely, not only in the moments he or she is in the church. The subjects studied work voluntarily in the church motivated by two reasons: when he or she has experienced some difficulty and has somehow managed to get out of it and attributes it to a gift from God, the person is led by the feeling of *gratitude*; when it is not the case and one does have a certain fear of being punished if he or she refuses to work in *God's work*, then he or she is guided by *fear*. These facts refer to the divine agency, to God's will that shows itself above the life of the Christian.

Key words: Pentecostalism. Assembly of God. Hierarchies. Called. Baptism with the Holy Spirit. Agency. Devir.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
A Assembleia de Deus de Cícero Mendes.....	12
A pesquisa de campo.....	13
Apresentação dos capítulos.....	15
Capítulo I.....	17
Descrições Sobre Funcionalidade e Hierarquia Dentro da Igreja e do Culto Pentecostal.....	17
Entendendo o Pentecostalismo.....	17
Liturgia da igreja.....	20
Congressos.....	24
Escola Bíblica Dominical.....	25
A Santa Ceia do Senhor.....	29
A construção hierárquica da igreja.....	32
A consolidação ministerial.....	36
Capítulo II.....	39
A construção do cristão pentecostal.....	39
Amplitude do Pentecostalismo.....	39
Aceitar Jesus: Da Conversão à Consagração.....	42
O novo convertido.....	42
Nascidos na fé.....	46
O Drama social: Desviados dos caminhos do Senhor.....	46
De congregado a membro.....	47

Obras e Fé: Os servos do Senhor.....	48
Uma Escatologia do povo de Deus e sua influência missionária	52
Capítulo III	55
A autoridade pentecostal – A imagem e a semelhança de Deus	55
Trindade: Imagem e semelhança — Três pessoas, um só Deus	55
Batismo com Espírito Santo: A busca por autoridade Espiritual e Social.....	60
Considerações Finais	70
Referências	75

Introdução

Era uma tarde como outra qualquer, estava deitado no sofá após o almoço quando de repente fui levado por um sono repentino. Meus pensamentos se misturavam com o consciente e inconsciente. Lembro que estava vivendo tempos de mudanças em minha vida pois a pouco mais de um ano havia me batizado em águas, desde então, buscava muito pelo batismo com Espírito Santo, mesmo sem saber o que realmente estava procurando. Estava assumindo várias responsabilidades dentro da comunidade cristã e pouco a pouco me habituava às novas regras. De certo eu estava vivendo o que os pentecostais chamam de *primeiro amor*, que nada mais é do que a primeira experiência fervorosa dos *salvos em Cristo*. Orava sistematicamente, estudando dentro dos mecanismos da igreja e autonomamente em casa assuntos relacionados às histórias bíblicas e sobre a vida cristã de forma geral. Em uma simples tarde passei pela confusa e estranha experiência. Enquanto dormia algo me trouxe a uma indescritível presença, era alguém que não conseguia olhar a face. Difícil dizer quem era aquele ser: Deus? Jesus? O Espírito Santo? De qualquer forma, não importa quem dos três eram, pois eles são um só. Naquele momento, senti que era a resposta de minhas orações, que eu precisava dar espaço para esse sentimento. De repente, sem controlar minha boca comecei a falar em línguas estranhas, realmente sem saber o sentido do que estava acontecendo, porém, o sentimento de extrema alegria que senti naquele momento jamais iria sentir novamente (Testemunho de um irmão durante um culto).

Como cristão e membro da Assembleia de Deus, sempre escutei diversos testemunhos sobre como as pessoas foram transformadas e batizadas pelo Espírito Santo. Isso se transformou em uma curiosidade, mas o relato a cima, fruto de uma pesquisa proposta por uma disciplina de antropologia da religião, fez com que eu decidisse conhecer mais sobre o assunto. Logo comecei a pensar na influência do batismo com Espírito Santo na vida pentecostal, já que é um dos diferenciais desta vertente protestante. Sua busca é incentivada pelas lideranças, e eu mesmo procurei nos meus primeiros anos como convertido, passar por essa experiência.

O objetivo central dessa pesquisa é descrever o batismo com Espírito Santo e sua relação com a tricotomia humana e divina – levando em consideração que as pessoas são feitas a imagem e semelhança de Deus, logo também se dividem em três, e isso tem implicações importantes na vida do cristão dentro e fora da igreja. Para isso, realizei minha

pesquisa etnográfica junto aos assembleianos da comunidade de Cícero Mendes, localizada a aproximadamente 80 km de Santarém na PA-370.

Pentecostalismo

Segundo o censo do IBGE (2010), 22,2% dos brasileiros se declararam evangélicos e 60,0% deles são oriundos de igrejas pentecostais. Muitas vezes os protestantes são tratados generalizadamente, como um grupo único, porém, a história mostra o contrário. Exemplo disso é o início do movimento protestante na Europa ao longo do qual, conforme destacado por Lobo e Portella (2017), ocorreram quatro reformas distintas.

A primeira é a Luterana, que tem como principal diferencial a doutrina da salvação pela fé, e não por obras. Lutero era contrário à doação de riquezas como forma de expiação de pecados, além de concordar que a igreja deveria sempre estar abaixo do Estado. No ano de 1517, redigiu e fixou na porta da capela do Castelo de Wittenberg, 95 teses com argumentações e fundamentos de seus ideais religiosos (marco simbólico para a reforma protestante). O próximo reformista foi Thomas Müntzer, que em 1519, aderiu ao protestantismo de luterano. Posteriormente em 1524, juntou-se com um movimento camponês alemão, que travou uma grande luta contra o feudalismo. Lutero reprovou totalmente o movimento que, cerca de um ano depois, foi massacrado pelos príncipes alemães e Müntzer foi decapitado. O Calvinismo foi a terceira reforma, originada das ideias de Calvino, que desde a juventude se interessava por teologia, mas foi a partir da influência luterana em 1532 que passou a estudar ainda mais o assunto. No ano de 1536, publicou a sua obra mais conhecida, *A instituição da religião cristã*, que afirma que “Nem a fé, nem as obras garantiriam a salvação eterna, que depende inteiramente da imensa generosidade de Deus” (LOBO; PORTELLA, 2017, p.86). Por último a reforma Anglicana, implementada na Inglaterra pelo rei Henry VIII, após a igreja católica recusar anular seu casamento com Catarina de Aragão. Usou o ocorrido como desculpa para romper relações e fundar uma igreja submissa ao estado, que em doutrina não se diferenciava muito da igreja católica (LOBO; PORTELLA, 2017).

No Brasil, Freston (1993) divide a chegada do pentecostalismo, uma das raízes do movimento protestante, em três ondas. Cada grupo tem suas doutrinas, normas e costumes, demonstrando que quando falamos em evangélicos, tratamos de uma pluralidade dividida em denominações, que são subdivididas em seu interior. Exemplo disso é a CGADB, órgão

máximo da Assembleia de Deus, que segundo Lopes (2008) conta hoje com 47 convenções associadas, cada uma com suas particularidades, pois adaptam sua liturgia normas e costumes de acordo com cada região em que se instalam. Na igreja que realizei minha pesquisa, todos os departamentos possuem um coral. Isso faz parte dos usos e costumes da igreja, assim como a questão da vestimenta. Segundo Souza (2017), além das definições sugeridas por dicionários, usos e costumes religiosos são regras práticas. O autor também fala da relatividade dos usos e costumes, que são influenciados pelo tempo e pelo povo. Israel por exemplo, mudou gradativamente ao longo dos séculos seu vestuário. Assim como a Assembleia de Deus que em 1946, no Recife, estabeleceu regras para os membros que proibiam as mulheres de raspar pernas, fazer sobrancelhas, cortar, tingir ou realizar penteados no cabelo e estipulava, usarem somente vestidos compridos que cobrissem todo o corpo, etc. Isso causou grande polêmica na época; contudo, tal prática espalhou-se pelo país. Atualmente ainda percebemos marcas dessas proibições, com leves mudanças. As mulheres já têm um pouco mais de liberdade para usar penteados, fazer sobrancelhas e se depilar, as saias não precisam ser tão compridas, mas ainda fazem parte das normas da igreja de Cícero Mendes, que ainda preserva muitos costumes da época de transição entre as décadas de 80 e 90, quando uma segunda leva de igrejas pentecostais chegou ao Brasil.

Freston (1993) enfatiza a dificuldade de fazer uma lista de todas as igrejas protestantes, pois ela dificilmente estaria completa, diferentemente do catolicismo, que possui uma centralidade hierárquica em torno de Roma, as igrejas evangélicas surgem uma atrás da outra, alegando que sua única centralidade é a Bíblia. Para englobar todas essas denominações surgem algumas tipologias – que, ainda sim, são insuficientes para explicar especificidades de algumas delas. O primeiro é o *Protestantismo de imigração*, onde apenas a luterana se encaixa. A questão é que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), é de fato uma igreja com uma fé de estrangeiros, que não possui elementos de congregações ou seita. Outra categoria é o *protestantismo Histórico de Missões* onde estão as igrejas que chegaram através de missionários no século XIX. A diferença dela para anterior é o seu objetivo: enquanto a igreja luterana foi trazida por imigrantes que já eram luteranos, estas igrejas objetivavam ganhar adeptos brasileiros. Contudo essas duas diferem do pentecostalismo por não aceitar glossolalia, exorcismos ou curas instantâneas. Outro assunto que gera discordância entre os históricos e os pentecostais é a doutrina do batismo com Espírito Santo. O surgimento da igreja Assembleia de Deus é um grande exemplo disso. No

primeiro capítulo irei discorrer sobre como surgiu o movimento pentecostal e de como ele chegou ao Brasil. Segundo Cordova (2012) e Freston (1993), a Assembleia de Deus surge nos seios desse movimento pentecostal norte americano, com a chegada de dois suecos na capital do estado do Pará, Daniel Berg e Gunnar Vingren, que originalmente eram da igreja Batista (uma igreja histórica) e pregavam os ensinamentos sobre o batismo com Espírito Santo. Porém foram expulsos, e fundaram sua própria denominação. Ainda por causa dos ensinamentos pentecostais Souza (2017), fala que os primeiros anos da igreja Assembleia de Deus é recheado por perseguições, difamações públicas e em alguns casos agressões físicas.

Por isso não podemos generalizar os evangélicos, cada denominação tem suas próprias formas de interpretar as escrituras bíblicas, possuem regras e condutas diferentes. A Assembleia de Deus de Cícero Mendes, por sua vez, tem formas diferentes de outras igrejas, ou seja, nem mesmo dentro de uma mesma denominação se pode fazer generalizações sem de alguma forma se confrontar com fatores controversos.

A Assembleia de Deus de Cícero Mendes

A comunidade de Cícero Mendes fica aproximadamente 80 Km do centro urbano da cidade de Santarém. De acordo com dados obtidos com a agente comunitária de saúde, a localidade possuía 86 famílias, e a média de pessoas por família era de 4,5 totalizando um valor aproximado de 389 residentes. Em minha pesquisa visitei um total de 42 casas, e constatei uma média de 3,72 pessoas por família. Eu estimo que isso corresponda aproximadamente a apenas metade das residências da comunidade. A fonte de renda local é a agricultura. Não realizei pesquisa sobre a história da comunidade, mas a maioria dos moradores tem terras de assentamento do INCRA na região.

Em relação a igreja da comunidade, não se sabe o número exato de membros, porém há um número aproximado de dizimistas em todo o campus (o que abrange todas as comunidades supervisionadas pelo pastor Israel), que é de 300 pessoas podendo variar para mais ou para menos. A construção do templo foi realizada pelo Pastor Edilson a mais ou menos 15 anos, quando a comunidade fazia parte do campus da igreja de Boa Esperança, e há pouco mais de quatro anos a comunidade foi desmembrada tornando-se uma igreja central, na qual seu pastor supervisiona outras sete congregações em comunidades próximas.

A pesquisa de campo

A duração da minha pesquisa de campo foi de 58 dias, divididos em dois momentos. O primeiro, do dia 25 de março a 29 de abril de 2018 e a segunda do dia 10 de setembro a 8 de outubro do mesmo ano. Antes de eu ir para a comunidade, pedi ao pastor Davi (pastor da minha igreja em Boa Esperança), que conversasse com a liderança da comunidade de Cícero Mendes sobre a minha pesquisa. A resposta do pastor Isael foi positiva; mesmo assim, minha primeira ação na comunidade foi de procurar imediatamente o pastor para pedir permissão de realizar a pesquisa em sua igreja. Em um domingo à noite após o culto tive minha primeira conversa com o líder local. Não houve resistência por parte do pastor sobre minha pesquisa e ele até me sugeriu alguns irmãos que eu podia entrevistar. Além destas indicações, no decorrer que eu observava os cultos, selecionei algumas pessoas que demonstravam confiança, disponibilidade e conhecimento sobre assuntos eclesiais. Para isso conversei em particular com cada uma delas para saber se gostariam de participar e contribuir com minha pesquisa. Basicamente, nessa fase conheci o campo e realizei algumas entrevistas.

Nesse início da pesquisa, encontrei algumas resistências por parte de alguns irmãos. E para ser sincero, eu poderia ter desenvolvido esse estudo na igreja em que congrego, mas poder ser um “estranho” e conhecer novas pessoas foi uma das principais motivações para lançar-me aventureiro e conhecer novas histórias e maneiras de viver a fé pentecostal. O pastor Isael foi importante para minha inserção no campo, já que antes as pessoas enxergavam-me como um visitante e não um pesquisador e tão pouco um cristão. Quando o pastor me apresentou como um irmão e membro da igreja, senti uma mudança repentina no comportamento das pessoas e passei a receber cumprimentos de praticamente todos da igreja. Mesmo assim, um dos irmãos realizou uma série de perguntas, que iam desde quem eu era filho, neto, sobrinho, etc. Na intenção de saber se ele conhecia minha família mesmo que de forma distante. Também me perguntou sobre os pastores de minha igreja e sobre os eventos realizados na minha comunidade, como por exemplo; “Quem foi o preletor? ”, “Quando vai ser o congresso dos jovens? ” etc. Notei que ele sabia as respostas dos assuntos referentes a igreja, logo isso foi um sinal de que ele estava me analisando. Também tive que explicar da forma mais didática em que consistia meu curso de antropologia e por que eu estava pesquisando sobre religião. Outro aspecto que ajudou minha aproximação com o irmão, foram

nossas demoradas conversas sobre assuntos bíblicos, que compõem uma parte importante dos resultados obtidos durante meu campo.

O irmão Lucas (um dos primeiros a ser entrevistado) se aproximou desde o meu primeiro contato com o campo, suas respostas eram sempre cheias de muita sabedoria. Mesmo muito novo, aos seus 22 anos, já é dirigente da Assembleia de Deus da comunidade do 15 (uma das igrejas sob supervisão do pastor Israel), e responsável por levar esporadicamente mensagens para as pessoas, mas o seu maior prazer está em tocar seu violão e cantar diversos louvores. Além dele, a irmã Elivane, diretora da escola da comunidade e membra do círculo de oração a mais de vinte anos e seu esposo, o irmão Elias, membro a dezenove anos e atualmente é músico e diácono da igreja, foram pessoas importantes para minha pesquisa, através deles tirei muitas dúvidas e conheci outras pessoas, incluindo o presbítero Pedro, vizinho do casal, que está presente em diversos trechos deste trabalho — em sermões e mensagens em suas falas durante a entrevista.

Além de fazer minha pesquisa de forma qualitativa, senti a necessidade de conhecer um pouco mais da comunidade. Então elaborei um questionário quantitativo, que se mostrou um instrumento interessante pois, enquanto algumas pessoas apenas respondiam o questionário, outras já abriam espaço para conversas mais longas e com respostas subjetivas mesmo que isso não tenha sido planejado, portanto, o questionário foi um ótimo mecanismo para poder conhecer mais as pessoas da comunidade e o que elas pensavam sobre a igreja pesquisada.

Encontrei durante minha pesquisa, autores que realizam trabalhos complexos sobre o pentecostalismo, Freston (1993), por exemplo, faz um estudo dos impactos políticos desse movimento para a sociedade brasileira. Mesmo que eu tenha utilizado amplamente esse autor, meu trabalho não persegue esse objetivo. Também não busco pensar a religião como um sistema de símbolos composta por uma elaboração de conceitos e ideias gerais sobre a vida, que dá forma e atribui significado a ela, conforme Geertz (2008). Procurei fazer uma descrição, com a preocupação de reconhecer a importância da fé pentecostal para seus membros. Para tratar das relações com o Espírito Santo, utilizo a ideia de devir que, para Deleuze e Guattari (1997), não se refere a uma “imitação” ou uma “performance”, e sim de um tipo de conexão concreta entre o ser humano e o espírito, um processo, uma ação, um bloco de coexistências, pois está em uma zona de fronteira com o outro. Com eles, encontrei uma forma de fazer uma etnografia sem deixar de lado os sentimentos, percepções e a

racionalizações dos pentecostais sobre o batismo com Espírito Santo e outros acontecimentos ligados a ele.

Apresentação dos capítulos

No primeiro capítulo trago ao leitor uma visão geral da história do pentecostalismo com a finalidade de fazermos uma ponte entre o surgimento do pentecostalismo internacional e o pentecostalismo nacional. A doutrina do batismo com Espírito Santo veio dos Estados Unidos e desde então se popularizou muito no país. Uma das igrejas consideradas precursoras desse movimento no Brasil é a Assembleia de Deus, fundada por dois suecos em Belém do Pará no ano de 1911, apenas sete anos depois do início, apontado pelos historiadores, do pentecostalismo norte americano. Após entendermos essa história, devemos também compreender a mecânica da igreja. Para isso descrevo como é organizada sua liturgia nos cultos rotineiros e em outras celebrações que fogem um pouco do cronograma. E como ela é organizada hierarquicamente, afinal de contas, estamos trabalhando com uma instituição de abrangência nacional, muito bem estruturada.

Após conhecermos a estrutura da igreja, devemos conhecer os cristãos que compõem o seu corpo, sem os quais a igreja não poderia existir. O segundo capítulo trata exatamente disso, conhecer quem é o cristão pentecostal e de onde ele vem, pois estamos falando de uma religião expansionista, que busca novos membros a todo momento. Tendo isso em vista, procurei fornecer uma visão geral do perfil dos moradores da comunidade de Cícero Mendes, pois eles são o público alvo da igreja pesquisada, e boa parte são frequentadores dela. Falarei também da existência de pessoas, que entram na igreja após atender o convite feito por quem está falando no púlpito naquele momento — geralmente um pastor. E os que são filhos de membros da igreja, que desde de cedo são educados segundo seus preceitos. Além disso, trabalharei as mudanças sofridas a partir da sua conversão. Além de descrever quais escolhas poderão tomar após entrar na igreja, os dramas de quem por ventura sai dela, e quais motivações que levam as pessoas a trabalhar na *obra de Deus*. Por último, faço uma descrição sobre a escatologia pentecostal, e de como ela surte efeito na vida do fiel.

Dentre os resultados colhidos durante a pesquisa destaco a forma como as pessoas se referem ao Espírito Santo, que apesar de fazer parte da Santíssima Trindade é tratado como uma figura intermediária que trabalha entre o mundo humano e o mundo espiritual. No último

capítulo, faço uma breve análise sobre o que a teologia e a filosofia desenvolvem a respeito da Santíssima Trindade, não com intenção de trazer uma resolução final para essa discussão, e sim de fazer o leitor entender a complexidade existente na divindade cristã e no seu culto. Esse assunto também está relacionado à existência da tricotomia da pessoa humana que, feita a imagem e semelhança de Deus, está dividida em *corpo, alma e espírito*. Depois de compreendermos como isso tem efeito na vida pentecostal, podemos entender a forma como eles se relacionam e agem um sob o outro. O batismo com Espírito Santo, por sua vez, é responsável por revestir o cristão de um poder espiritual para que ele fale sobre o conhecimento de Deus. Para descrever essa manifestação, usei a ideia de *devir*, como vemos na obra de Deleuze e Guattari (1997), é uma ação, para lidar com as percepções mais subjetivas; pois trata-se de aproximação através de uma espécie de contrato de aliança entre os dois, onde o sujeito *devém Espírito Santo* – não se trata de um “transe”, no qual se perde a consciência, muito menos de “histeria”, como as manifestações do Espírito Santo nos fiéis são por vezes caracterizadas. Dessa forma busquei entender os processos que levam os cristãos camponeses a serem reconhecidos e exercem importantes funções na igreja — olhando para o devir não só como um evento e sim como um processo de mudança de vida — e de como compreendem o que é conhecimento divino e secular. A relação existente entre Espírito de Deus e o espírito do homem e a forma como eles se comunicam, tem papel importante, porém as fronteiras não são bem delimitadas, ainda assim há um contraste marcado entre *mundano* e o *não mundano*.

Capítulo I

Descrições Sobre Funcionalidade e Hierarquia Dentro da Igreja e do Culto Pentecostal.

Este capítulo serve para situar, de forma geral, o leitor sobre o mundo pentecostal, trazendo um pouco da sua história e influência na formação da Assembleia de Deus no Brasil. Logo no primeiro tópico busquei elucidar de onde ele surgiu e porque ficou conhecido como pentecostalismo. Em seguida, descrevo como a igreja de Cícero Mendes organiza seus cultos e outras programações. Reservei três subtópicos: um para falar dos congressos que são realizados pelos departamentos, outro para tecer alguns comentários sobre a Escola Bíblica Dominical — EBD — que acontece uma vez por semana e, por fim, discorrer acerca da Santa ceia, que é realizada uma vez por mês. Além disso, entender a hierarquia que rege a Assembleia de Deus se faz fundamental para compreender sua influência sobre a vida de quem recebe esse chamado do Espírito Santo para *trabalhar na obra*¹ de Deus e de como ele acontece. Organizei, também, algumas informações a respeito dos cargos e suas respectivas funções dentro da estrutura eclesiástica.

Entendendo o Pentecostalismo

Antes de começarmos a falar sobre como a igreja Assembleia de Deus conduz seus cultos, devemos responder duas questões: O que é pentecostalismo? E onde surgiu? Para isso é importante recorreremos à passagem bíblica a seguir.

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz fluiu a multidão, que possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiraram dizendo: Vede! Não são, porventura galileus todos esses que estão falando? E como os ouvidos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia,

¹ É a expressão utilizada pelos fiéis, que se refere ao trabalho eclesiástico das igrejas, e destinados a todo o povo de Deus.

da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabios. Como ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: que quer isto dizer? Outros, porém zombando, diziam: Estão embriagados (Atos dos apóstolos 2:1-13, BÍBLIA SAGRADA, 2011).

A passagem acima é o marco inicial para os pentecostais, pois se trata do registro da primeira vez em que o Batismo com Espírito Santo aconteceu, assunto que trataremos melhor no capítulo III. O dia de pentecostes é uma festa judaica realizada cinquenta dias após a páscoa, determinada por Deus no texto bíblico de Êxodo 23:26 — “Guardarás a Festa de Segar, dos primeiros frutos do teu trabalho, que houveres semeado no campo, e a Festa da Colheita, à saída do ano, quando recolheres do campo o fruto do teu trabalho”. Em uma dessas festas, como relatado em Atos dos apóstolos 2:1-13, aconteceu a descida do Espírito Santo. Em virtude disso adotou-se o nome pentecostalismo para se referir às igrejas que ensinam a doutrina do Batismo com Espírito Santo.

Segundo Cordova (2012), esse movimento já existia muito antes de Charles Fox Parham e William Seymour, porém foi a partir deles que o pentecostalismo adquiriu mais visibilidade. Parham, nascido em 1873 nos Estados Unidos, enfrentou elogios e críticas durante o período em que disseminou os ensinamentos pentecostais. Durante os anos de 1906 e 1907 o seu ministério chegou ao ápice, e com isso também as críticas, tanto que a imprensa da época afirmava que ele era ao mesmo tempo o homem mais amado e o mais odiado do país. Entre os seus ensinamentos ele trazia as noções de Batismo com Espírito Santo, falar em línguas e cura divina. O que minou seu nome foi o seu suposto envolvimento com o Ku Klux Klan (CORDOVA, 2012, p. 14-15).

No entanto, Freston (1993, p. 67) realça a importância de W. J. Seymour para o início do pentecostalismo nos Estados Unidos. Negro e filho de escravos, estudou na escola de Parham, porém, devido ao racismo, não entrava na sala de aula, mas ouvia as lições, sentado, do corredor. Católico, se converteu à igreja Batista na adolescência. Foi apenas em 1905, quando se mudou para Houston, que começou a ter mais oportunidades para fundar seu ministério. No ano de 1906 foi convidado por um pastor para pregar em sua igreja, onde seus ensinamentos sobre batismo com Espírito Santo e glossolalia² foram bem recebidos.

² Glossolalia é o nome dado para o fenômeno citado em Atos dos Apóstolos 2:1-13, onde pessoas que falavam idiomas diferentes começaram a se entender como se todos falassem na sua língua nativa. Atualmente nas igrejas pentecostais, também é conhecida como “falar em línguas estranhas” ou “língua dos anjos”.

Posteriormente, segundo Cordova (2012, p. 15), Seymour passou a ser pastor de uma igreja de Los Angeles, no entanto, seus ensinamentos foram rejeitados pelos líderes que acabaram por expulsá-lo. Isso fez com que ele buscasse um espaço para fundar seu ministério. O lugar escolhido foi um antigo templo Metodista Africano. Freston (1993) afirma que, inicialmente, as igrejas eram compostas por pessoas negras, mas não demorou para chamar a atenção dos brancos. Durante uma década, pastores brancos foram ordenados por pastores negros e, após um período, a igreja iniciou um processo de separação por raças (CORDOVA, 2012; FRESTON, 1993). Chaves (2013) também aponta a influência do movimento pietista do século XVII que valorizava a vida livre de pecados como ideal cristão. E as igrejas pentecostais contemporâneas buscam este ideal de viver renunciando suas vontades em troca de uma vida limpa das “coisas do mundo”. Cordova e Chaves lembram que as interpretações de Irwin e Sandford sobre o dia de pentecostes tiveram especial influência sobre o início deste movimento (CHAVES, 2013; CORDAVA, 2012).

No Brasil, a chegada do pentecostalismo, ainda em seu berço, tem laços estreitos com a fundação da igreja Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Freston (1993) divide o pentecostalismo nacional em três grandes ondas³, sendo estas duas igrejas as representantes da primeira. Os registros apontam para chegada dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren na cidade de Belém do Pará no dia 19 de novembro de 1910. Estes eram membros da igreja Batista, que tinha o evangelista Raimundo Nobre como responsável temporário. Ele ofereceu aos dois o porão de sua casa pelo valor de dois dólares por noite. Durante o primeiro ano os missionários puderam apenas conhecer o interior do estado e trabalhar para pagar por sua estadia, todo o dinheiro excedente servia para comprar Bíblias, que posteriormente seriam revendidas. Como não falavam português passaram por dificuldades em seu trabalho missionário e, quando faziam participações em cultos da igreja, apenas cantavam hinos em inglês. Com o tempo, aprenderam o idioma e passaram a ensinar sobre o Batismo com Espírito Santo (CORDAVA, 2012; BERG, 1995).

Nessa história de fundação, temos uma mulher com um certo protagonismo. Celina Albuquerque, professora de escola dominical da igreja Batista, adquiriu uma doença que, segundo os médicos, era incurável. Daniel, junto de outros irmãos, foram visitá-la e orar por

³ Freston (1993, p. 66) divide o pentecostalismo brasileiro em três ondas. A primeira corresponde a década de 1910 com a chegada da igreja Cristã e Assembleia de Deus. A segunda onda acontece entre as décadas de 1950 e início 1960, com o surgimento da Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus e Amor. A terceira começa na década de 70 e ganha força nos anos 80. Tem como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja internacional da graça de Deus.

ela. Findou que Celina foi curada e começou a buscar o batismo pregado pelos missionários. Algum tempo depois, ela se tornou a primeira pessoa a ser batizada pelo Espírito Santo no Brasil de forma comprovada pela presença de glossolalia. A exemplo do que aconteceu com Seymour, os ensinamentos dos suecos e o batismo de Celina não foram bem recebidos pelos líderes da igreja, em especial pelo evangelista Raimundo Nobre, que estava sendo cobrado por outros líderes e membros de igrejas de Belém sobre o que estava acontecendo. Ele tomou a decisão de desvincular os dois da igreja Batista. O efeito que isso gerou, no entanto, foi inesperado: não apenas eles saíram, relatam Fonseca e Farias (2009), mais outras vinte pessoas, em sua maioria mulheres, seguiram os suecos e se empenharam muito para fundarem em 1911 a missão de fé apostólica, que após sete anos passou chamar-se de Assembleia de Deus (BERG, 1995).

Freston (1993, p. 69) enfatiza o diferencial da Assembleia de Deus durante seus primeiros 40 anos, com uma origem marcada pela simplicidade, onde a falta de dinheiro favoreceu a sua ascensão. Por conta disso, não surgiu de imediato uma burocratização formalizada de estudos teológicos para tornar-se pastor e nem houve brigas internas de grande expressividade. Após esse período a igreja se consolidou e se institucionalizou formando as convenções estaduais e uma convenção nacional.

Segundo as informações do site da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, ainda sobre a tutela dos suecos, a igreja realizou sua primeira reunião com todos os principais líderes nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1929, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Entre os dias 5 e 10 de setembro do mesmo ano aconteceu a primeira convenção geral. Entre os anos de 1933 e 1938 surgiram as primeiras resoluções que discutiam o que era importante para se construir uma identidade para a Assembleia de Deus. Surge então normas de vestimenta, de comportamento, conduta etc., que deveriam ser adotadas por todas as igrejas filiadas. Outro passo importante para tornar a Assembleia de Deus como a conhecemos hoje foi a convenção que aconteceu na cidade de Recife (PE) no ano de 1946. Ficou decidido nessa reunião que a convenção se tornaria um órgão jurídico e representante de todas as igrejas filiadas perante o estado.

Liturgia da igreja

Na atualidade, a grande maioria dos cultos da Assembleia de Deus possui uma mesma estrutura sistematizada. Então, com exceção de algumas celebrações que receberão a devida

atenção no prosseguir deste capítulo, os cultos realizados de quarta a domingo na comunidade de Cícero Mendes têm a seguinte liturgia.

Oração inicial

O dirigente inicia uma oração exaltando primeiramente o nome de Deus. Os adjetivos mais utilizados são: “grande”, “glorioso”, “altíssimo”, “celestial”, “benevolente” etc. Depois reverencia o tema do culto, se houver, e agradece a presença de cada pessoa pedindo, em seguida, para que Deus abençoe cada uma delas. Apresenta também a importância daquela reunião proclamando que “ninguém vai voltar para casa da mesma forma que chegou” e, para finalizar, termina dizendo que está pedindo tudo isso “em nome de Jesus”.

Canto de hinos da harpa cristã

A harpa cristã da assembleia de Deus possui um total de 640 hinos de composição desconhecida. O pastor já conhece as pessoas que gostam de cantar e dá preferência a elas esse convite, porém, nada impede que qualquer membro seja chamado. Devido a isso, várias pessoas preparam-se em casa, para o caso de receberem este chamado. Segundo Araújo (2007), o que diferencia esses hinos de outros louvores é sua história, que já soma 90 anos e conta o momento em que CGADB tornou a harpa cristã oficial, depois de realizar diversas revisões. Estes hinos carregam, além da mensagem evangelística, a doutrina presente dentro da igreja.

Leitura da palavra

Leitura de algum trecho da Bíblia realizada preferencialmente por alguém do ministério (Obreiro, Diácono, Presbítero ou Pastor) seguida de uma oração agradecendo pela leitura.

Oportunidades

Este momento é reservado a alguns membros para se expressarem, variando entre cantos de louvores, palavra de testemunho, agradecimento, oportunidades de ensinar sobre algum trecho bíblico etc. O período das oportunidades diferencia-se do momento de pregação da palavra, pois tem um tempo menor disponível variando em torno de 4 a 10 minutos. A quantidade de oportunidades não é preestabelecida, alterando segundo o tempo de celebração programado. No domingo são dadas muitas oportunidades, sendo distribuídas a grupos de pessoas que representam corais (Coral das crianças, jovens e círculo de oração ou também conhecido como grupo de senhoras). Já nos cultos da semana, o número de oportunidades é reduzido, pois, enquanto no domingo a celebração pode ultrapassar duas horas, durante a semana duram no máximo uma hora e meia.

Oferta

Todo culto tem seu momento de recolher dinheiro, podendo ser destinado à igreja ou a outras causas –como, por exemplo, algum irmão que passa por necessidade ou para os preletores e cantores que vieram de longe. Essa oferta é feita quando o pastor ou dirigente pede para uma pessoa ou coral cantar um hino aleatório e dois membros da igreja, com uma cesta cada, passam recolhendo o dinheiro de cada pessoa presente. As pessoas não são obrigadas a ofertar, porém existe em torno disso a ideia de retribuição ou de obtenção de bênçãos ao seu favor.

Pregação da palavra

Momento em que uma pessoa (da igreja local ou convidada) traz uma mensagem. Tal fala pode se estender por mais de uma hora. Os temas variam, desde ensinamentos bíblicos, palavra de prosperidade, renovo e felicidade até duros sermões que tocam em assuntos que podem causar incômodo e parecer um “puxão de orelha” para alguns. A pregação é uma grande responsabilidade, destinadas a pessoas valorizadas na igreja.

Convite a reconciliar ou aceitar Jesus

Esse é um dos momentos que não pode faltar em uma igreja pentecostal. O preletor, após pregar a palavra, faz a seguinte pergunta: “Alguém aqui gostaria de aceitar Jesus, ou reconciliar-se com ele? ”. Ele também pode utilizar algumas estratégias de convencimento, como convidar as pessoas para receber oração e, logo em seguida, na frente de toda a igreja, fazer a pergunta citada acima, colocando a pessoa em uma situação muito difícil, diante de muitos olhares, fazendo pressão sobre sua decisão e está, acaba dizendo sim. Quando alguém aceita o convite, o preletor junto com a igreja faz uma oração, com o diferencial de conter uma mensagem de boas-vindas ao novo(s) convertido(s). Uma forte corrente acontece com especial motivação – o(s) novo(s) convertido(s). Enquanto quem está com o microfone faz os pedidos a Deus, os demais presentes podem fazer suas orações individuais ou apenas complementam gritando “glória a Deus! ”, “exaltado é o seu nome, Senhor! ”, “Deus seja Louvado! ”, “É verdade! ” etc., além de choros e glossolalia.

Oração final

Tudo que acontece na igreja inicia e termina com uma oração. Essa oração final é, geralmente, feita pelo pastor ou um dos homens à frente do ministério, apresentando basicamente os mesmos elementos da oração inicial.

Os cultos podem ser divididos tematicamente e por departamentos, de forma que temos culto de Jovens, de crianças, círculo de oração, da família, de missões, de doutrina etc. O que muda de um culto para o outro é o assunto principal: em um culto de família, por exemplo, as músicas, o tema de leitura bíblica, as oportunidades e saudações, a pregação principal, as orações e assim por diante serão voltadas para a temática da família. Outro bom exemplo são os cultos de jovens, que tendem a possuir maior musicalidade e animação, além de a palavra principal ser voltada para assuntos relacionado à juventude, sendo muito utilizado como um ensinamento específico para a mocidade.

Congressos

Além dos cultos temáticos, há festividades durante o ano. Essas festas, chamadas de *congressos*, são organizadas por dois departamentos. O departamento⁴ do Círculo de Oração e departamento de Jovens são responsáveis pela organização de um congresso, mas em alguns casos, eles organizam juntos um único evento. Sua duração é, em média, de dois a três dias e podem apresentar pequenas variações na liturgia.

Além disso, oito meses antes do evento, surgem diversas tarefas a serem realizadas pelos membros do grupo. Tudo inicia com as lideranças, que escutam diversos hinos e escolhem alguns para que os demais possam ouvir e apreender, sendo que quatro músicas são escolhidas para serem arduamente ensaiadas, com, pelo menos, um encontro semanal geral – essas canções serão cantadas no dia do congresso. Além dos encontros semanais, ainda ocorrem várias reuniões envolvendo o pastor da igreja, a liderança do grupo que vai promover a festividade e seus membros. Nesses encontros os assuntos em pauta são: escolha de temas e trecho bíblico que servirá de referência, contratação de cozinheiras, compra de comida, modelo da roupa, ornamentação da igreja, convite às congregações e ao preletor etc. Após tudo decidido, cabe a liderança do grupo começar a enviar os convites para igrejas, cantores, bandas e preletores.

Toda essa mobilização demanda muitos gastos que são pagos pelos próprios departamentos. Para o caixa estar preparado, durante o ano inteiro, são feitas pequenas vendas, coleta entre os integrantes e outras campanhas financeiras. Em conversa com uma líder de jovens perguntei como se organiza um congresso e quais são as dificuldades e desafios que se enfrenta nesse processo. Ela me respondeu o seguinte.

O processo de organização da festa é longo e árduo e muitas vezes estressante. Afinal, estamos lidando com um grupo, onde a maioria é adolescente [...] são muitas opiniões diferentes, nem todos concordam com o modelo do uniforme, ou com o preletor, ou com o cantor/banda, com os hinos escolhidos [...] Algumas decisões ficam a cargo da liderança somente,

⁴ Dentro das igrejas existem grupos identificados como *departamentos*, e cada um deles organiza um coral que está sobre a liderança de um dos irmãos. Em Cícero Mendes existe um departamento de crianças na faixa de 6 e 12 anos de idade, um de adolescentes na faixa de 13 a 15 anos, sendo o departamento de jovens destinado para aqueles(as) acima de 15 anos e que ainda não casaram. No departamento de mulheres não existe uma faixa de idade específica. Assim como no de jovens, o elemento que separa os dois grupos é o casamento. Sendo assim, qualquer mulher que esteja no departamento de jovens e se casa imediatamente é transferida para o Círculo de Oração. Já os homens, podem ir compor alguma outra função na igreja, caso sejam chamados.

sem a participação direta do grupo de jovens, como escolha dos pregadores, cantores [...] já os uniforme e hinos são escolhidos de forma democrática entre liderança e jovens [...] a grande dificuldade é lidar com a "rebeldia" natural da idade [...] O grande desafio é encontrar um equilíbrio, fazê-los entender que não é possível agradar a todos, mas a liderança se esforça para fazer aquilo que for melhor para o grupo” (Patrícia, 22 de dezembro de 2018).

Vencendo essas dificuldades, chega o grande dia do evento. Mas isso não põe fim à apreensão; afinal, tudo que foi feito está sendo colocado à prova. A festa começa no sábado à noite e, em seu cronograma, conta com: oração inicial, seguida da entrada do coral organizador cantando um hino relacionado ao tema da sua festividade. O culto segue normalmente, porém, as oportunidades, que antes eram para membros da igreja local, são transferidas para os cantores, pastores e líderes dos grupos convidados. Essas dão dinâmica à celebração e, com isso, o culto fica com cara de festa, principalmente quando o foco dos departamentos é a entoação de hinos.

É comum que, entre os convidados, estejam figuras importantes, como pastores, evangelistas e presbíteros. Essas pessoas são convidadas a sentar-se junto do ministério da igreja⁵, atrás do púlpito. Toda essa programação se estende por, mais ou menos, uma hora, então o preletor do evento recebe o microfone para dar prosseguimento com a mensagem oficial, que pode durar mais de uma hora — não existe um tempo mínimo ou máximo determinado. Os cultos de sábado e domingo à noite dos congressos de jovens e do círculo de oração seguem essa mesma organização. No domingo, geralmente são feitos cultos pela manhã e pela tarde, que seguem a liturgia padrão e, por isso, existe a necessidade de oferecer para os visitantes um almoço.

Escola Bíblica Dominical

Cabe ressaltar que a escola dominical está presente entre os protestantes desde o século XVIII, quando o jornalista Robert Raikes iniciou, em sua paróquia, aulas para crianças entre 6 e 12 anos. Além dos textos bíblicos, ele também ensinava as crianças a ler e a escrever. No

⁵ Nas igrejas pentecostais a palavra “ministério” é utilizada para designar alguma função ou grupo da mesma fé. Na igreja em que realizei minha pesquisa, essa palavra era utilizada sempre em referência as atividades e cargos na igreja, como por exemplo: Diaconato, presbitério e pastorado. Quando se usa a frase “ministério da Igreja”, referem-se ao grupo de pessoas que ocupam essas funções.

mesmo período, nos Estados Unidos, a Escola dominical também auxiliou crianças pobres, unindo o ensino religioso ao ensino geral. Os responsáveis pelas escolas eram pessoas leigas com boa vontade. No currículo, estavam incluídos, além de textos bíblicos, a leitura, redação e valores cívicos e morais. No Brasil, o casal inglês Robert e Sarah Kalley, grandes entusiastas do projeto, fundaram em 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis a primeira escola dominical, que logo foi reproduzida em outras cidades (VASCONCELOS JÚNIOR et al., 2016).

Nos dias contemporâneos, são diversas as congregações e igrejas que realizam a escola dominical. No caso das assembleias de Deus, a escola que se popularizou com a sigla EBD (Escola Bíblica Dominical), tem uma função importantíssima, pois é o momento reservado exclusivamente para estudar a Bíblia. Dentro dela existe toda uma organização administrativa e pedagógica que funciona da seguinte maneira: os conteúdos das aulas, que são tirados de uma revista de distribuição nacional da editora CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), são distribuídos para os professores em uma versão comentada e com exercícios respondidos e, para ou alunos, em uma outra versão, com exercícios por fazer e sem comentários. A forma como é distribuída essa revista varia de uma igreja para outra e, no caso da Igreja de Cícero Mendes, o Pastor Israel as compra com o dinheiro da própria EBD e revende ao preço de custo para os alunos que podem pagar. Já as pessoas que tem uma renda familiar muito pequena recebem a revista gratuitamente. Mas a questão aqui é esclarecer o que diferencia o culto de escola dominical dos demais cultos e para isso vamos começar a desvendar sua estrutura.

O culto tem início às sete horas e pode durar até às dez e meia da manhã. E, garantindo o seu funcionamento ideal, existem pessoas que trabalham durante esse tempo. Na igreja central⁶ da Assembleia de Deus de Cícero Mendes são dez os que trabalham em parceria com o Pastor, sendo distribuídos nos cargos de Secretária, Tesoureira, Professores e Superintendente. A programação se estrutura da seguinte forma: Oração inicial seguida de dois hinos da harpa cristã, como na liturgia anteriormente descrita. Após isso, o prosseguimento se dá de maneira diferente, pois dividem-se as classes e cada professor fica responsável por um grupo específico.

⁶ A igreja de Cícero Mendes faz parte de um grupo de congregações da Assembleia de Deus supervisionadas por um único pastor. Ela é o centro das tomadas de decisões, onde o pastor e sua família vivem por isso é conhecida como templo central.

É importante analisar essa separação das pessoas por grupos na EBD, pois se trata de um reflexo de como a igreja é subdividida. Essa divisão é composta por uma classe de crianças, uma de adolescente, uma de jovens, uma de mulheres casadas e outra por homens, ou seja, uma subdivisão feita por gênero e idade. Este tipo de separação é comum em todas as programações. Anos atrás, quando visitei pela primeira vez uma Assembleia de Deus, sentei em uma cadeira do lado esquerdo da igreja. Quando todos foram chegando e escolhendo seus assentos percebi um certo desconforto das pessoas, de início achei que fosse com a minha presença, porém, após alguns minutos eu percebi uma separação da igreja entre homens e mulheres, e adivinha quem estava do lado errado, cercado por senhoras?! Rapidamente saí do assento e sentei-me ao lado de um senhor que, após um sorriso, perguntou: “É a primeira vez que vem aqui?” — Sorri de volta para ele. Na EBD não é diferente. A separação se torna institucionalizada pela divisão das classes que tratam dos mesmos assuntos, porém, com métodos diferentes para cada grupo.

A EBD procura se organizar como uma escola. Para entendermos melhor sua estrutura, vamos fazer uma análise dos cargos que existem dentro dela. Começamos a falar da secretária que, logo após a divisão das classes, tem que levar a frequência para cada professor, onde constam informações como: frequência individual, a quantidade de Bíblias levadas, o número de visitantes e os valores ofertados por cada classe. Em seguida, a secretária passa recolhendo os valores e as cadernetas e, com a tesoureira, produzem um relatório de cada uma das classes. A tesoureira, por sua vez, tem que contabilizar o dinheiro da oferta e, além disso, verificar orçamentos e gastos da EBD. A fonte de renda vem, principalmente, da venda das revistas e ofertas que são feitas no domingo pela manhã e serão revestidas para a compra de novas revistas e materiais. É raro acontecer, mas, em caso de extrema necessidade de arrecadar fundos para compra de algum material pedagógico específico, são o pastor e o superintendente quem elaboram outras formas de arrecadar dinheiro. A respeito do superintendente, ele é a pessoa responsável pela EBD logo abaixo do pastor, e sua função se assemelha a de um diretor de colégio. Ele pode iniciar a programação da manhã e encerrá-la, o que acontece geralmente na ausência do pastor.

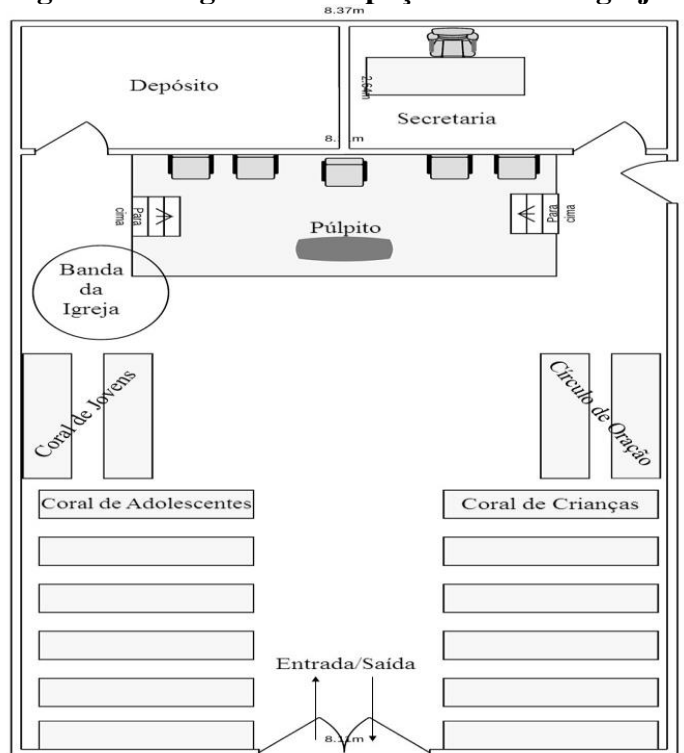
A função que tem de maior singularidade no culto de Escola dominical é a figura do(a) professor(a). Além da revista, não existe nenhum método estabelecido pela igreja para a condução da aula. Em virtude disso, alguns professores só realizavam a leitura da revista, eventualmente fazendo alguns comentários e, por fim, se restasse algum tempo, responderiam

o questionário presente no material. Acompanhei, contudo, uma aula em que o professor trouxe um assunto complementar ao da revista, conseguindo, com esse estudo extra, atrair atenção redobrada de todos. Sem dúvidas, não precisa ter um curso superior para ser professor de EBD e, com efeito, alguns com formação acadêmica ocupam a cadeira de alunos e não de educadores – isso se deve aos critérios que um professor deve atender.

Para que uma pessoa se torne professor de escola dominical, ela deve saber ler e escrever e atender a algumas exigências. A primeira é ser um membro da igreja, e o que simboliza essa passagem é o *batismo em águas* – ver capítulo II . Após assumir esse compromisso, a pessoa deve estar sempre evidenciando sua fé através de sua disposição, compromisso e testemunho, ou seja, não é sobre como o sujeito fala, se expressa e sim conforme ele vive. Paulo, em I Coríntios 11:1, adverte “Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo! ”, logo, o cristão que for imitador de Cristo dará bom testemunho de vida para outros. Palavras não são suficientes, pois os cristãos observam uns aos outros e, por isso, devem sempre se apresentar com integridade ética e moral irrepreensível. Outro fator é o tempo que essa pessoa vive sua fé e suas habilidades em falar sobre os conteúdos bíblicos, o que recai sobre o dom de palavra — tratarei melhor sobre os dons espirituais no próximo capítulo. Tendo estas características, a pessoa pode ser convidada a ser professor(a) da EBD e, caso negue o convite, ela se coloca em contradição, demonstrando uma falta de disposição e compromisso com a obra de Deus.

A escola dominical se diferencia por haver a proximidade e a possibilidade do debate entre professores e alunos. Quando alguma dúvida surge e o professor(a) não tem a resposta, ele pode recorrer ao superintendente ou ao pastor, ou então, anota a questão para pesquisar durante a semana e responder para a turma no próximo encontro. Quando as aulas terminam, todos voltam sua atenção para o púlpito – ver a Figura 1. O pastor ou o superintendente fazem as perguntas de cada revista para a turma correspondente. A resposta pode ser feita em voz alta de forma coletiva, ou pode ser selecionado uma pessoa para representar pela classe. E, para finalizar, acontece a oração final que é feita por uma pessoa escolhida aleatoriamente pelo pastor.

Figura 1 - Diagrama do espaço interno da igreja.



Fonte: Elaborada pelo autor.

A Santa Ceia do Senhor

A Santa Ceia acontece uma vez por mês em Cícero Mendes, e assim é replicada para as demais congregações que compõem o campus⁷ do pastor Isael. Trata-se de um ritual que opera a comunhão entre os membros e Deus. A presença de Jesus em espírito e em matéria (pão, o corpo, o vinho, e o sangue), possui um conjunto de sentidos e promessas. Entre elas a eterna aliança de Deus, a volta de Cristo e, com isso, a construção de uma vida carregada de sentido e perfeição utópica, possível apenas com a presença de um ser perfeito livre de toda a malícia e perversidade desse mundo. Isso tudo faz mais sentido com a citação do antropólogo Aldo Terrin, feita por Polyanny Braz:

O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e

⁷ Congregações são igrejas que funcionam dentro de uma denominação, como neste caso dentro da Assembleia de Deus. Uma congregação faz parte de um campus, que possuem uma igreja central e as demais são igreja satélites. Campus: área de abrangência de uma igreja sede, que está sobre a supervisão de um pastor presidente.

não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível (Terrin, 2004, apud BRAZ, 2017, p. 101).

Segundo os ensinamentos da igreja, participar desse momento é assumir os benefícios da morte do filho de Deus e comprovar que está em comunhão. Por isso a necessidade de se fazer uma autorreflexão e buscar o perdão para poder continuar participando dignamente do grupo. Funciona também como um momento para se encher de esperança e de ânimo para renovar a caminhada de cada mês, cujo objetivo é chegar ao próximo, mantendo-se em santidade, longe do pecado, e levando a mensagem do evangelho tanto em palavras como em ações.

Tomaremos como base a igreja da comunidade de Cícero Mendes, que segue um modelo que está presente em outras igrejas desta denominação. O roteiro da celebração tem início com a Oração Inicial que, como em outras ocasiões, é feita preferencialmente pelos líderes (pastor, presbítero ou dirigente); logo em seguida dois hinos da harpa são cantados e ocorre leitura da palavra (recebem essas designações os membros da igreja, preferencialmente pessoas ligadas ao ministério); posteriormente, alguns louvores são cantados ou pelos corais, ou pela banda da igreja, ou por algum membro e, após isso, o preletor já recebe o microfone para pregar a palavra. Até aqui, a Santa Ceia não difere de outros cultos a não ser por uma mesa que fica na frente do púlpito coberta por uma toalha branca. A ceia é o momento ritual mais importante da celebração, que inicia logo após o sermão do pregador.

Como se trata de um momento de reflexão da vida do cristão, o pastor convida todos os que não estão se sentindo dignos de participar da ceia para vir à frente do púlpito. Isso pode acontecer se a pessoa reconhecer que está em pecado e, se ela estiver, não precisa dizer a igreja qual foi sua falha, apenas deve pedir desculpas e se arrepender de todo coração. Um dos cultos de santa ceia que acompanhei me chamou particularmente a atenção. O preletor usou como texto base o seguinte texto bíblico: a carta de Paulo à igreja de Coríntios, capítulo 11:23, que diz o seguinte⁸:

Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: este cálice é a nova

aliança do meu sangue, fazei isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do senhor, até que ele venha. Por isso, aquele que come o pão ou bebe o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para sermos condenados com o mundo. Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros. Se aguem tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco (I Coríntios 11: 23-34, BÍBLIA SAGRADA, 2011).

Esta passagem tem uma particularidade, pois ela é uma carta de advertência à igreja que estava fazendo da santa ceia uma festa. O preletor enfatizou em sua mensagem que não se tratava apenas de comer, beber e fazer uma oração: o que estava em jogo naquele momento era reverenciar a memória de Cristo, como ele havia ensinado. Outro ensinamento retirado do texto acima refere-se ao julgamento diferenciado de Deus para os que reconhecem suas falhas e os que as ignoram. No primeiro caso, o julgamento será mais brando e complacente; já no segundo será severo. Talvez, devido a esse peso e a forma com que o preletor falou sobre o texto, observei muitas pessoas indo à frente para se desculpar com Deus e com a igreja e receber oração. Tendo ou não pessoas para ir à frente se desculpar, o pastor sempre faz um fervoroso apelo pedindo a consagração do pão e do vinho com presença de línguas estranhas, o que é automaticamente replicado por muitos dos presentes. Ele então indica que os presbíteros e diáconos repartam o pão em diversos pedaços e distribuam entre os membros da igreja. Enquanto isso, o círculo de oração canta um hino. Seguindo o percurso, o pastor abriu sua Bíblia e leu o texto de Mateus 26:26-30, mas não de forma contínua: na passagem “tomem e comam: isto é o meu corpo” houve uma pausa e todos levantaram o pedaço de pão que receberam e fizeram uma rápida oração, com muitos choros e gritos de “aleluia” e Glória a Deus”, juntamente com a glossolalia, para, em seguida, comerem o pão, com todos em silêncio. O pastor seguiu sua leitura e ao chegar no trecho “bebam deles todos vocês. Isto é o meu sangue”, houve uma nova pausa, ao passo que o presbítero levantou o vinho e o pastor, dando sequência, terminou a leitura e pediu aos músicos para cantar um louvor enquanto os diáconos levaram um pequeno copo de vinho para cada membro, que bebiam e colocavam o cálice de volta na bandeja.

Durante essa cerimônia, que acontece uma vez no mês, um número muito grande de pessoas se faz presente, principalmente se tratando dos membros. É uma ótima oportunidade de se observar as posições hierárquicas, pois todos ficam bem divididos – no próximo tópico falaremos mais a respeito dos ministérios. Os homens que são consagrados em algum cargo ministerial ficam em cadeiras atrás do púlpito e um dos obreiros tem a função de porteiro, recebendo os outros irmãos. Cabe às mulheres do círculo de oração comporem um coral, que fica de um lado da igreja, e aos jovens outro coral, que fica do outro lado. Esses dois grupos destacam-se pelo posicionamento de suas cadeiras (Conferir a figura 1). Como estamos falando de uma celebração de caráter muito especial, não podemos esquecer da questão de vestimenta. Costuma-se usar à melhor roupa disponível para ir à Santa Ceia. Isso é, inclusive, recomendado pelas lideranças e serve como forma de demonstração de reverência a Deus.

Após o momento específico da ceia, o culto retorna ao seu fluxo habitual. Do que pude observar, a coleta de ofertas nas Santas Ceias pode apresentar uma eufórica oração realizada pelo pastor, contendo elementos anteriormente descritos sobre a oração inicial e final, mas também com elementos adicionais de agradecimento a Deus pelo momento que passou com os irmãos, podendo também pedir intercessão na vida de todos os que ofertaram para a obra de Deus e também para os que não puderam ofertar. Nesse tipo de oração, notei a presença de uma mensagem para os ofertantes que, se eles ofertaram o seu melhor, de forma que o seu coração se sintam bem com a quantia que oferecida, isso irá promover uma ação positiva em sua vida, gerando recompensas que se refletem tanto espiritualmente como materialmente.

A construção hierárquica da igreja

Silva (2011) apresenta em sua obra um guia prático para formação de lideranças eclesiais. Sua escrita é totalmente direcionada ao público masculino e isso já fala bastante sobre a forma de organização hierárquica das igrejas pentecostais. Essa consolidação do poder eclesial do homem se divide em duas maneiras de convocação. O primeiro é o chamado Direto e, para entendê-lo, devemos observar os personagens bíblicos que tiveram contato direto com Deus, como Noé, Abraão, Moisés ou os doze apóstolos de Jesus, que mesmo não tendo falado diretamente com Deus Pai, tiveram contato íntimo com seu filho.

Outro tipo de chamado destacado pelo autor é o “Indireto”, do qual temos José como um exemplo: como relata um trecho da Bíblia, ele teve um sonho no qual Deus mostrou ele

liderando seus irmãos. Além de sonhos reveladores, o método indireto também pode ser feito por Deus através de um servo seu. No novo testamento, em Atos dos apóstolos, temos relatos de Timóteo, que se tornou companheiro de Paulo, auxiliando-o no que era preciso, de modo que, quando foi necessário, ele assumiu a posição de liderança.

Neste guia, podemos perceber que o chamado tem algumas características. Devendo ser:

Divina: Não é uma incumbência dada por uma convenção ou Igreja. Deus chama, a Igreja reconhece a presença do dom e o ministério ordena. Se não houver ação divina não haverá dom não haverá ministério.

Pessoal: Deus tem o ministério certo para a pessoa certa e até o lugar certo em alguns casos. Deus é soberano e onisciente, só Ele pode saber estas coisas.

Soberana: o servo do Senhor ao ser chamado deve aceitar com humildade e abnegação, reconhecimento desde deus soberano. Tem que confiar no senhor ainda que algumas coisas não lhe sejam muito claras, Is 55.8,6, 1Co 2.16.

Definitiva: a chamada para ministério é definitiva, aqueles que é chamado não pode impor condições. Pelo contrário, deve agradecer a Deus o privilégio de ser chamado, Lc 9.57-62; 1Tm 1.12,13 (SILVA, 2011, p. 13).

Vemos, assim, que o chamado não é algo subjetivo pela ótica da fé cristã, pois faz parte do desejo e planos de Deus. Além de atribuições espirituais, podemos levantar algumas questões acerca do que faz da pessoa um escolhido para determinada função na igreja. Lembrando que o favorecimento em detrimento de amizade ou parentesco não são interpretados como algo ruim pelos membros, pelo contrário, se aplica nesses casos, a ocorrência do chamado indireto visto anteriormente em Silva (2011).

Segundo Lopes (2008), os afazeres mais simples da igreja são destinados aos obreiros. Estas atividades são: distribuição de folhetos, coleta de oferta, trabalhar como porteiro etc. Não é necessário ser batizado com Espírito Santo para ser obreiro, mas se espera uma certa habilidade de falar em público, mesmo que raramente se receba oportunidade de dar uma rápida palavra — tratarei do batismo com Espírito Santo no terceiro capítulo. Apesar deste autor afirmar que o único cargo confiado às mulheres na Assembleia de Deus em que realizou sua pesquisa é o diaconato, isso não condiz com a realidade da igreja de Cícero Mendes, onde o diaconato é exclusividade dos homens e consiste em funções semelhantes às do obreiro, podendo ele também preparar a santa ceia e tem a responsabilidade de fazer visitas nas casas dos irmãos enfermos, acompanhados pelo pastor ou presbítero.

Os presbíteros, por sua vez, além das funções anteriores, também recebem o poder eclesiástico de curar os enfermos por meio de sua oração. Podemos verificar no evangelho de Tiago 5:16 a referência para esse ensinamento: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor”. Ele também pode ocupar as funções do pastor na sua ausência. Dessa maneira, observei que o presbítero recebe muitas oportunidades, em especial a de preletor do culto devido a sua grande experiência como cristão. Tanto que, para que uma pessoa possa ocupar o cargo de presbítero ou de qualquer cargo acima dele, ela deverá ser batizada com Espírito Santo, pois é somente a partir dele que virá o revestimento do poder de Deus para falar da sua palavra para as demais pessoas. Ele também deve ser casado com uma mulher assembleiana e ser alguém de caráter íntegro e irrepreensível na sociedade em geral.

Após o presbitério, temos a função de evangelista. Este tem as mesmas atribuições que o anterior. Mas, além disso, segundo Lopes (2008) ele é um aspirante ao pastorado e pode receber congregações para gerenciar e eventualmente ser consagrado a pastor. Após um determinado tempo como evangelista, variando de um local para outro, o pastor presidente pode indicar o evangelista à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil - CGADB para que possa ser ordenado, ou seja, nomeado pastor. Para isso, assim como o presbítero, o candidato deve ter uma vida totalmente íntegra e, para comprovar isso, são exigidos diversos documentos, como certidão negativa criminal, certidão negativa de protesto e comprovação de pagamento de dízimo do último ano.

Além dos cargos já citados, devido a autonomia de cada campus, temos muitas possibilidades de funções. Algumas podem existir em um determinado local, enquanto em outros não. Isso varia principalmente em função do tamanho do campus e dos interesses do pastor presidente. A lista a seguir apresenta alguns cargos que existem nas Assembleias de Deus.

Missionário

A sua função é chegar no local onde ainda não exista uma igreja, pelo menos não da mesma denominação, e conseguir membros. Enquanto isso, a igreja que o envia tem que manter o missionário financeiramente, até que este consiga atingir autonomia no novo território. Acontece um trânsito de missionários em torno do mundo, um exemplo disso são os suecos

Daniel Berg e Gunnar Vingren, anteriormente citados, que fundaram em 1911 a Assembleia de Deus que hoje exporta missionários a outras regiões brasileiras e até outros países.

Dirigente

Pessoas que são nomeadas pelo pastor presidente com a responsabilidade de presidir as celebrações de uma determinada igreja que faça parte de sua jurisdição. Essas pessoas são geralmente diáconos, presbíteros ou evangelistas, no entanto, existe algumas pessoas que são apenas dirigentes de congregações.

Superintendente

A escola dominical é um dos grandes destaques para a formação dos cristãos protestantes. E para auxiliar o pastor local na responsabilidade de organizar seu funcionamento esse cargo é como uma espécie de diretor de um colégio.

Professor

Responsável por dar aula nas escolas dominicais.

Líder de departamento

Pessoas encarregadas por um departamento, como o coral de jovens, crianças, círculo de oração ou banda de louvor. Qualquer eventual problema o líder deve resolver ou levar o caso ao pastor da igreja. Ele também está à frente da organização da festividade anual do seu departamento, também chamada de congresso — veja mais no tópico três deste capítulo.

Serviços gerais

São os cargos de tesouraria, secretaria, limpeza, ornamentação, manutenção, técnicos de som, músicos, etc.

A nomeação para esses cargos pode ser feita de várias maneiras. A mais recorrente é em um culto específico que acontece uma vez no ano. Durante a celebração, existe um momento em que o pastor chama à frente todos os membros que irão desempenhar alguma das funções descritas (com exceção serviços gerais) e apresenta cada um individualmente, falando quais irão ser suas responsabilidades durante o ano. Após cada apresentação, o pastor pergunta: “a igreja está de acordo? Se é verdade, diga amém!” E a igreja responde “Amém!”, realizando, em seguida, uma oração. No entanto, se alguma pessoa que foi destinada a assumir algum cargo não estiver presente neste culto, o pastor da igreja local pode usar uma parte do culto de domingo para apresentá-la e fazer a consagração.

A consolidação ministerial

A igreja da comunidade de Cícero Mendes é filiada à CGADB. A cada quatro anos são feitas eleições para escolher um novo presidente através de voto direto dos pastores filiados. Desde 1988, com o falecimento do pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos, até então presidente da convenção, assumiu o cargo José Wellington Bezerra da Silva. Este foi eleito pela primeira vez através do voto direto em 1990 e reeleito até o ano de 2017, quando seu filho, José Wellington Costa Júnior, se tornou o novo presidente (COSTA, 1997, CPAD NEWS, 2017).

Abaixo da convenção nacional existem as convenções estaduais. Esse é o caso da COMIEADEPA (Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Estado do Pará) que, segundo consta no site da CGADB, tem como presidente há 26 anos o Pastor Gilberto Marques de Souza. Esta é seguida pelos distritos e campus.

O campus é uma área que abrange várias congregações e fica sob os cuidados de um pastor presidente que supervisiona as igrejas. Cabe a ele nomear líderes para as congregações, criar ou extinguir departamentos, indicar a consagração de novos evangelistas, presbíteros, diáconos, e construir novas igrejas à medida que surja a necessidade. Em caso de campus maiores, essa função passa a ser de uma liderança, um pastor ou missionário, que é nomeado pelo pastor presidente. Segundo Lopes (2008) esses líderes não são remunerados e tem seu mandato de trabalho de um ano, podendo ser renovado indefinidamente.

A igreja Assembleia de Deus é enraizada no patriarcado e, segundo Aragão Filho (2011), segue uma tendência tradicional das religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e o islamismo) que conservam a supremacia masculina. No mundo contemporâneo, podemos notar que as mulheres lutam por seu espaço, conseguindo diversas conquistas importantes, como o artigo 5º da constituição brasileira de 1988 que diz que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Contudo, sabemos que ainda existe um longo caminho para que isso seja uma realidade. Esse abismo torna-se ainda mais notável quando nos deparamos com instituições conservadoras e fechadas ao diálogo entre as partes.

É inegável que as mulheres têm um contingente expressivo dentro de todos os cultos e demais programações da igreja. Porém, durante a cerimônia, resta a elas receber principalmente oportunidades para cantar hinos e dar testemunhos, relatando alguma experiência de fé e, eventualmente, usar esta oportunidade para trazer alguma mensagem bíblica, mas nada muito demorado. É somente nas campanhas de oração que as mulheres têm liberdade para dirigir e pregar, o que só ocorre por haver apenas um grupo de mulheres chamado de círculo de oração, que tem a responsabilidade de orar pela igreja. Já os homens recebem uma posição de destaque e, mesmo sendo minoria durante os cultos, cabe a eles serem dirigentes. Estes concorrem com as mulheres nos momentos de oportunidade, cantam e pregam sem restrição nenhuma.

Não podemos esquecer que, apesar de igrejas tradicionais, como o caso do meu campo de pesquisa, existem outras formas do pentecostalismo se apresentar. Observamos na pesquisa de Pinto (2014) três pastoras líderes de igrejas neopentecostais que tem como principal apoio os dons espirituais e fazem com que as pessoas as vejam e reconheçam sua legitimidade como líderes eclesiásticas. Sendo assim, percebemos que uma nova leitura individualista das escrituras e o rompimento com o tradicionalismo incluí as mulheres, dando espaço e voz antes negados e silenciados. A autora trabalha com o conceito de desinstitucionalização da igreja neopentecostal, que surgiu a partir da terceira onda. Isso se deve ao número de atividades que são realizadas fora dos templos e, para ela, o “uso da liberdade moderna em um contexto religioso é aqui articulado em relação à natureza, ou ‘ao ar livre’, recriando significados para estes espaços em função de suas possibilidades locais” (PINTO, 2014, p. 29-30).

A quantidade de mulheres, seja nos cultos normais, na santa ceia ou na EBD, é maior do que o dos homens. Andrade (2011) consta a presença majoritária das mulheres nos cultos e traz um dado unânime nas literaturas sobre pentecostalismo no Brasil: 56% do público nos

cultos pentecostais é composto por mulheres entre 30 e 50 anos. No entanto, não se vê mulheres sentadas nas cadeiras reservadas aos presbíteros e pastores, restando outras funções como o preparo da santa ceia. No caso da Assembleia de Deus de Cícero Mendes, as mulheres não preparam a ceia cerimonial, somente organizam a mesa antes mesmo do início do culto. As funções mais comuns são de tesoureira, professora, secretária, membro de coral, liderança de crianças, adolescentes, jovens e círculo de oração, afazeres culinários no refeitório e na venda de alguns alimentos na porta da igreja no final dos cultos. Essas funções são o reflexo dos afazeres destinado às mulheres assembleianas fora da igreja, como por exemplo; organização da casa, cuidar das crianças, cozinhar para o esposo etc., marca clara do patriarcado deste grupo. Cargos de obreiros, diáconos e presbíteros não são ocupados por nenhuma mulher.

Capítulo II

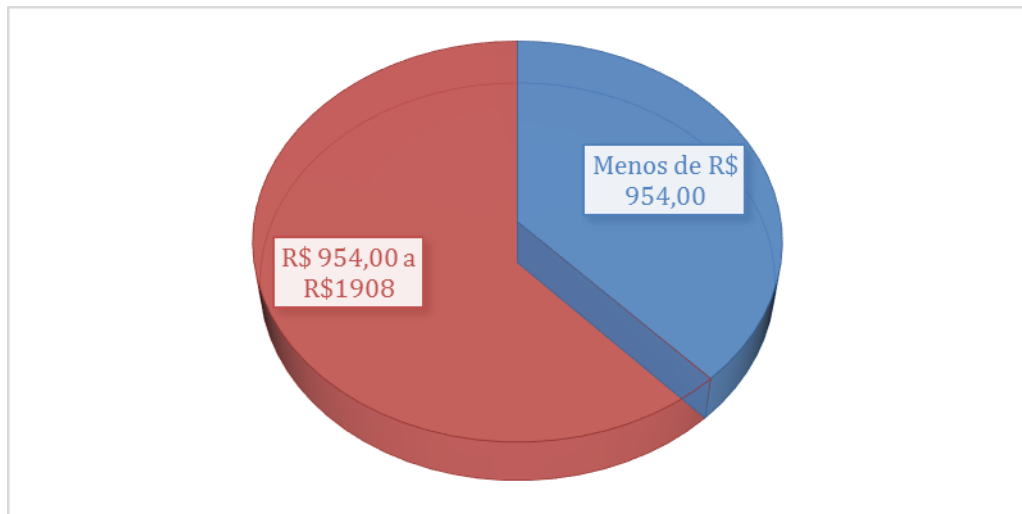
A construção do cristão pentecostal

Neste capítulo o leitor terá um panorama de quem é o cristão pentecostal em Cícero Mendes e quais trajetórias seguem dentro da igreja. Para isso, descrevo como o sujeito torna-se um *novo convertido*, enquanto os filhos de membros da igreja, semelhantemente devem professar sua fé para a igreja. Esses dois grupos são chamados de congregados, mas ainda existe um longo caminho a ser trilhado e se caso saírem da igreja se tornam *desviados*. Caso continuem, poderão ser batizados e irão se tornar membros, assumindo assim um conjunto de responsabilidades e possibilidades de trabalhar dentro da igreja. Para terminar, vamos falar sobre a escatologia e de como ela tem influência na vida missionária de todos os cristãos.

Amplitude do Pentecostalismo

Vamos entender quem são as pessoas que compõem a igreja Assembleia de Deus de Cícero Mendes. Para isso, devemos olhar a comunidade como uma sociedade geral, que, conforme Van Gennep (2011), é composta de outros grupos denominados de sociedades específicas. Falaremos sobre duas delas, os crentes e os não-crentes, que se ligam em decorrências de compartilharem o espaço da comunidade e se separam em suas essências individuais, nos hábitos e em suas crenças, sendo a segunda o público alvo da primeira. A conversão de um não-crente é o que pode, a qualquer momento, mudar a forma como será tratado, e não apenas pela sociedade específica, e sim por toda a comunidade. Mas, antes de entrarmos nesse assunto, entenderemos mais sobre os sujeitos envolvidos. A grande maioria dos moradores trabalha no campo ou são aposentados como agricultores, outros trabalham por diária para os que possuem terras ou ainda para madeireiras, e outra pequena parcela ocupa as poucas vagas de servidor público. A renda salarial dessas pessoas está em torno de um salário mínimo, conforme o gráfico 1.

Gráfico 2 – Renda Média dos Moradores de Cícero Mendes.



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebemos um perfil de pessoas humildes na comunidade, e também entre os membros da Assembleia de Deus, na maioria agricultores. Tive a oportunidade de compartilhar do dia-a-dia de um dos irmãos, na colheita da pimenta-do-reino de sua propriedade. Conversamos sobre vários assuntos, a maioria deles relacionados à igreja, como Cristo e as músicas cantadas nos cultos. Fazendo essa separação entre igreja e Cristo, faço referência a algo que o irmão me falou. Segundo ele, em momento algum a igreja pode salvar, curar ou promover qualquer tipo de milagre sobre a vida de alguém; já Cristo sim, ele é o protagonista na cena, não existe uma bandeira de uma denominação que o faça agir, ele é o ser perfeito, uma imagem utópica a ser copiada, irrepreensível e incorruptível. Explicando melhor, a igreja é algo local, com regras locais, enquanto Cristo é universal, presente em todos os cristãos. Durante a conversa, falou-me como ele segue a Jesus e que Assembleia é apenas uma opção; “existem muitas igrejas evangélicas. Eu poderia estar agora em outra, mas escolhi essa, pois me sinto bem aqui, acho a mais certa”.

Essa separação é contextual, longe de afirmar que Cristo não está na igreja. Pelo contrário, pois a fé de seus membros proporciona crescimento e estabilidade, independente do cenário político ou econômico. Durante uma conversa, o pastor Davi afirmou que Deus não habita em templos construídos pelas mãos dos homens, e sim dentro de cada cristão. Como veremos no próximo capítulo, quando nos referimos ao Espírito Santo, Deus pai ou Cristo,

falamos de um único Deus dividido em três pessoas. Ou seja, Cristo não está na igreja, ele está presente em cada cristão, assim como Deus pai e o Espírito Santo. Devido a isso, a igreja tem a presença deles como pessoas e divindade, por mais paradoxal que pareça. É certo dizer que a intrínseca relação da presença de Cristo na igreja encontra-se na fé dos seus seguidores. Tendo definido isso, é importante lembrar que o comportamento do cristão deve ser exemplar, mesmo fora dos templos, pois segundo I Coríntios 6:19, seu corpo é analogamente o próprio templo do Espírito Santo, construído pelo criador e não por homens.

Enquanto o irmão me ensinava a colher a pimenta, também conversávamos sobre o valor do produto no mercado. Ele chegou a comentar que no ano anterior o valor de 1 Kg ultrapassou os vinte reais, porém havia desvalorizado muito desde então. Enquanto ele falava, percebi espiritualização do mundo material. Para ele, coisas boas ou ruins que aconteceram tem relação com o mundo espiritual. Ele havia encontrado um comprador para sua pimenta, que iria pagar cinco reais por cada quilograma. Mesmo consciente da desvantagem, ele não lamentava sua situação, pois, sem nenhuma condição de estocar o produto, não tinha uma melhor opção. Além disso, a espiritualização do mundo cotidiano lhe dá a certeza de que tudo que ele tem, vai ter ou deixar de ter é de Deus, logo, tudo é vontade dele. Todavia, longe de ficar conformado com o que ganha, ele tem planos para aumentar seus lucros, enquanto explicava-me usou o seguinte argumento: “irmão, veja bem, somos todos filhos do rei. Não é verdade? Logo, ele reserva o melhor para nós”. Sobre a frase dita pelo irmão, a incorporação dos elementos simbólicos fornece esperança de uma vida melhor. Ferreira (2009, p. 98), fala que, “como em qualquer religião, cada um se apropria dos elementos do simbolismo religioso como acha que deve, ou como considera mais cômodo para o cotidiano no qual está inserido”. Mais a fundo percebemos que a resposta se torna clara, simples e objetiva, “é a vontade de Deus”. Se alguma coisa boa acontece, é “bênção”, ou seja, um presente, uma dádiva que Deus concedeu para o seu filho, se é algo ruim, é “provação”, momento de dificuldade, onde a fé do cristão é colocada à prova para que ela possa aumentar sua confiança em Deus.

O comprometimento com a fé cristã sobrepõe, em certa medida, a vida eclesiástica, de onde vem o alimento espiritual, à vida quotidiana, de onde obtém seus mantimentos materiais. Isso ficou mais claro quando, em uma quinta-feira, paramos de trabalhar mais cedo, pois à noite havia um culto e o irmão, como dirigente, deve ser um dos primeiros a chegar e levar uma saudação à igreja. Dentro e fora do templo os assembleianos costumam levar às pessoas de fora do círculo cristão mensagens bíblicas e doutrinárias, convites para cultos e outras

programações, pregação da palavra, relatos de experiências de fé pessoais etc. Tendo em vista esse objeto, o irmão elaborou uma pregação voltada para aqueles que “não conhecem a Cristo”, segundo suas próprias palavras. Contudo, durante a celebração não observei nenhum visitante, a não ser eu. Conhecendo este intuito, devemos conhecer sua trajetória de ingresso na vida religiosa.

É possível dividir congregados em dois grupos, e um terceiro que se deriva deles. O primeiro composto por pessoas que não eram crentes e se converteram. Ao passar pelo processo de “aceitar Jesus”, como é falado pelos pentecostais, ele passa a ser um *novo convertido*. O segundo, corresponde aos filhos dos crentes, pessoas que já nasceram na fé. E por último, o crente desviado, este pode se originar dos dois grupos anteriores, bastando sair dos caminhos da igreja e ir experimentar a vida do *mundo*.

Aceitar Jesus: Da Conversão à Consagração

O novo convertido

Como vimos anteriormente, o objetivo principal é ganhar almas⁹ para Deus. Para isso, os irmãos, principalmente os que compõem os ministérios, devem orar, jejuar, ler a Bíblia e se manter longe do pecado, para finalmente ensinar e levar a mensagem de “salvação” para o mundo. Se uma pessoa segue esses passos, o Espírito Santo fala através dela para pessoas que não conhecem a Deus. O presbítero Pedro, durante uma de suas pregações, falou o seguinte: “Quem convence não é o homem, e sim o espírito Santo”. A preparação é uma forma de chamar a atenção do Espírito de Deus. Todavia, é necessário entender o que significa a salvação. Para isso, vamos acompanhar o seguinte relato.

[...]. Nos dias que eu não ia para a igreja, durante a noite sempre participei de rodas de conversas, protagonizado em grande maioria por mulheres, amigas de minha tia. Em uma dessas conversas, houve uma feliz coincidência, elas falaram sobre uma pessoa que tinha se convertido há pouco tempo. Este sujeito, segundo o relato, teve seu comportamento totalmente transformado e sua relação com a esposa e filhos melhorou consideravelmente. Tudo isso, em virtude de sua conversão. Lembrei imediatamente que é nesse momento que o Espírito Santo passa a viver dentro da pessoa [...] e, segundo o que se procede na história [...] já fez uma

⁹ Expressão que significa converter pessoas, ou convencer pessoas a seguir Jesus Cristo.

grande diferença socialmente. Ela contou que, antes ele era uma pessoa extremamente agressiva e que vivia sobre o efeito de bebida alcoólica, e isso havia mudado. É claro que entramos em um número de questões, que levam a essas transformações. Por exemplo, a simples proibição de beber bebidas alcoólicas que existe na Assembleia de Deus, já pode resolver o problema de comportamento agressivo, se esse comportamento for gerado devido à embriaguez. Mas, se olharmos com a percepção do pentecostalismo [...] atribuiremos a mudança ao sobrenatural agir de Deus. ” (Diário de Campo, 14 de setembro de 2018).

Percebemos a transformação na vida de uma família atribuída à conversão de apenas uma pessoa. Porém não quero dizer que não exista nenhuma forma de violência entre os pentecostais, podendo se apresentar de diversas outras formas, como por exemplo, o pequeno espaço destinado às mulheres na igreja, a pressão emocional e psicológica exercida sob os filhos e até a agressão física também está presente entre os membros destas igrejas. Mas como vimos anteriormente, várias pessoas oram, estudam, e preparam-se das mais diversas formas para que o Espírito Santo possa falar através de alguém e convencer seu coração da necessidade de salvação. Após o ingresso no mundo pentecostal, o pastor ou presbítero convida o novo convertido para uma conversa. Considera-se o sujeito, uma “nova criatura em Cristo¹⁰”, uma criança que deve ser instruída a seguir as doutrinas da igreja e os ensinamentos bíblicos. Essa ideia de nova criatura permite que o recém-chegado receba mais tolerância, devido aos seus hábitos que o acompanham, mas que devem ser deixados com o tempo. Todavia, ele é uma pedra que deve ser lapidada, dando sequência na transformação do seu comportamento.

No relato anterior, a conversão é vista como dádiva divina. A esposa orava para que Deus pudesse transformar a vida do marido, recebendo uma resposta compensatória pela sua fé. Em outros casos, ao conversar com pessoas não-crentes, que eventualmente visitam os cultos, estas me relataram que tem vontade de entrar naquele grupo religioso, mas não fazem por causa de seus vícios. A perspectiva de uma mudança de vida, principal motivo de se buscar uma igreja, motiva as mensagens bíblicas a sempre trazerem boas novas: pessoas sendo transformadas e exaltadas, pessoas sem valor sendo valorizadas, etc. Exemplo disso é a mensagem do preletor David no dia 24 de setembro de 2018, usando o texto bíblico de I

¹⁰ No texto bíblico de II Coríntios 5:17, Paulo escreve que o sujeito que está em Jesus, é uma nova criatura. Cristo fala, no livro de João 3:1-17, que para entrar no reino de Deus, é preciso nascer de novo, da água e do espírito. No primeiro caso Paulo faz referência a essa passagem, pois se tornar uma nova criatura é uma expressão utilizada para se referir a conversão de pessoas.

Samuel 13. Após a leitura, todos se colocaram em oração e o preletor começou a contar com suas palavras a história de Davi. Ele dividiu sua mensagem em três partes.

Escolhido por Deus: Primeiro contou a história de um pai e seus filhos que, certo dia, foram visitados por Samuel. Ele procurava naquela casa um novo rei para Israel, porém, nenhum dos filhos que o pai apresentou era o que Deus desejava. Samuel então pergunta se todos os filhos estão ali, e o pai responde que ainda tem um que está cuidando das ovelhas, esse era Davi. O preletor sempre deixa claro que Davi era uma pessoa rejeitada pela própria família e, mesmo assim, foi escolhido por Deus. Então, no intervalo para a próxima parte, ele falou com a igreja, que prestava muita atenção — “Existem muitos Davi aqui nesta noite, que acha que está perdido e esquecido até pela sua família, mas Deus te escolheu para mudar tua história nesta noite, agora depende só de você”.

Aceitando o chamado de Deus: Após Deus escolher Davi — o preletor se colocou na posição de profeta buscando novos escolhidos — ele foi ungido com óleo, que representa o Espírito Santo e ordenado rei, porém, ainda existia Saul, atual rei, por isso, Davi não ocupou imediatamente o trono. O preletor novamente deu ênfase à transformação de Davi, que, mesmo após ter recebido o chamado, cometeu muitos erros. Dentre essas escolhas erradas, fazendo analogias entre o passado e o presente, estariam as pessoas que não estão aceitando o chamado de Deus. Seu discurso conseguia causar dúvidas para quem escutava — “será que Deus está falando comigo? Será que estou rejeitando o meu chamado?” — Com essas dúvidas postas ele iniciou a última parte da sua pregação.

Ascensão ao Trono: Para poder chegar ao trono, Davi teve que enfrentar as perseguições do rei Saul. Os desafios encontrados, trazidos para atualidade, foram colocados como as motivações que distanciam as pessoas do seu chamado. Confrontando isso, a mudança de vida poderá ser facilmente alcançada. Terminando a mensagem ele fez o convite — “Existe alguém aqui nesta noite, que quer mudar de vida? Quem quer fazer uma aliança com o Deus de Davi? Aceitar o seu chamado? Por favor venha até a frente” — Muitas pessoas que já eram crentes foram receber oração. Outras que estavam visitando foram até a frente *aceitar a Jesus*.

Após a conversão, a primeira coisa que se aprende é a forma de diferenciação entre os *salvos* (Pessoas que aceitaram Jesus como senhor e salvador) em relação as demais pessoas. Entre essas mudanças, a forma como se vestir destaca-se, por ser uma forma de identificação

e distinção. Homens e mulheres, meninos e meninas seguem à risca esse costume. Na comunidade é fácil de perceber, que na escola os alunos levam a identidade religiosa sobre sua pele, com exceção da camiseta, que é padrão do município de Santarém, os alunos têm a liberdade de escolher os seus calçados e calças, contando que não seja bermudas. As alunas podem escolher também as saias. Os garotos misturam-se entre os não-crentes, já as meninas, diferenciam pelo uso das saias a baixo do joelho, geralmente possuem cabelos longos e dificilmente usam maquiagem.

Entre os adultos, encontrei irmãos trabalhando como pedreiros, usando as seguintes roupas: calça social preta, camisa social de manga comprida, sapatos sociais, tudo já um pouco velho e surrado. Além desses, os irmãos que trabalham em suas roças usam o mesmo tipo de vestimenta. Isso sempre foi algo que me causou estranhamento e curiosidade: Qual a relação entre roupas e a fé pentecostal? De onde que vem esses padrões de vestimenta, sobre isso o pastor Davi, falou o seguinte: “a forma de se vestir não tem e não deve ter implicações na fé cristã, na verdade não passa de um costume da igreja, que tem como origem a forma como os suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingrer vestiam-se, o passou a ser imitado pelos outros irmãos e acabou se tornando uma norma da igreja e por fim uma identidade”.

O novo convertido é instruído a participar de toda programação possível da igreja, principalmente a Escola Bíblica Dominical, citada no capítulo anterior. Esse culto possui um formato diferente e perfeito para transmitir ensinamentos. Na igreja se usa a frase: “dar de comer para a criança”, onde a comida é a representação da palavra de Deus, que estar presente na Bíblia, a criança é o recém convertido. Se ela for bem alimentada logo vai crescer na fé e torna-se autônoma. Nesse momento o sujeito é apenas um congregado, que tem certas limitações, entre elas, a sua participação na Santa Ceia, descrita no capítulo anterior, é limitada. Andrade (2011) enfatiza que o participar da ceia não é para todos, existe uma distinção entre congregados e os membros. Acontece que, muitos passam anos participando, mas devido ao medo de assumir responsabilidades dentro da igreja, acabam não se batizando. Antes de continuar a descrever o percurso do novo cristão pentecostal, vamos falar sobre outro grupo que são congregados.

Nascidos na fé

Ainda recém-nascidos, os pais levam seus filhos até o púlpito da igreja (ver figura 1), onde o pastor apresenta a criança para a comunidade cristã. Isso acontece a exemplo da vida de Jesus, que quando criança, foi levado ao templo para ser apresentado ao Senhor (Lc. 2:22). Após essa apresentação, aos pais assumem a responsabilidade de ensinar os caminhos da igreja para seu filho(a). Enquanto a igreja oferece um tratamento especial. Na EBD por exemplo, existe um nível relativo a cada faixa de idade, com classes de crianças, adolescentes, jovens e adultos. E assim seguem como o indicado no livro de Provérbios 22:6 “ensina a criança no caminho que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviara dele”. Mesmo frequentando a igreja desde seu nascimento, ainda é necessário *aceitar Jesus*, o momento de confessar Cristo como seu senhor e salvador diante o testemunho, assim como o visitante, que escutou a palavra, acreditou e aceitou ao convite. Perguntei ao irmão Lucas, quanto tempo ele frequentava a igreja e a quanto aceitou Jesus — “eu aceitei Jesus com sete anos” – disse ele – ‘mas desde que nasci frequento a igreja. Então tem vinte dois anos que estou na igreja’.

O Drama social: Desviados dos caminhos do Senhor

Enquanto congregados, os novos convertidos, e os nascidos na fé se misturam, podem tomar decisões, que as colocará em posição de pessoas *desviadas* dos caminhos de Deus. Turner fala que em alguns casos, a emoção é a real razão de muitas decisões, assim como uma pessoa pode ser alerta e calculista. No que diz respeito às afiliações sociais, a tomada de decisões é constantemente ligada a lealdade e a obrigação, que se ignorados podem levar ao que o autor chama de dramas. Devemos entender, que para Turner as estruturas são metáforas enraizadas dentro de cada um, é como algo que dá forma, e não algo que se molda. Dentro dessa estrutura, existem os “dramas sociais” que possuem quatro fases: 1ª ruptura de relações sociais que já é o símbolo de um confronto; 2º a fase de crise crescente o que tende a deixar a ruptura ainda mais larga, é o ponto em que se deixa de usar máscaras e começa a reagir ao que se vê de errado, segundo seu ponto de vista; 3º A ação corretiva, são ações institucionalizadas ou não, criados pelos membros em cargos de liderança ou representantes delas, para conseguir regenerar e colocar de volta essas pessoas a estrutura ; 4º Rearranjo, ou cisão, se os esforços do grupo forem bem sucedidos, acontece a reintegração ao grupo, caso contrário, a desvinculação do mesmo (TURNER, 2008). O que leva o crente afastar-se da igreja? Não

existe uma resposta precisa para isso, o certo que discordância sobre doutrinas, curiosidade sobre o que o “mundo” pode oferecer, dificuldade de abandonar velhos hábitos, conflito entre os “irmãos” de fé podendo envolver até as lideranças, são os fatores mais comumente observados.

A obra de Oliveira é excelente para entender a revolta de muitos que passaram a vida dentro das doutrinas da igreja. Seu descontente relato fala que quando criança foi privado de praticar diversos esportes e ver televisão, contudo o que o fez desviar-se dos caminhos impostos para ele foi sua: “convivência com o universo secular, tais como: escola, trabalho, sexualidade, diversão e amizades, colocaram-me diante de dilemas profundos, em que todas as doutrinas e costumes da instituição pareciam sucumbir diante de uma realidade muito mais simples e libertaria” (OLIVEIRA, 2014, n.p).

Quando alguém comete algum pecado e isso chega ao conhecimento do pastor, pode ser penalizado. A *disciplina*, forma como é chamada a punição, é o afastamento do sujeito de todos os cargos da igreja. O pastor, primeiro conversa com o sujeito sobre o que aconteceu, leva ao conhecimento do ministério e então, caso ele comprove o desvio de conduta, ele comunica a igreja durante um de seus cultos sobre o afastamento do(a) irmão(ã). Existe uma saudação especial entre os membros e congregados. Este cumprimento é “*A paz do Senhor*”, praticamente obrigatória dentro e fora da igreja, mas quando alguém se desvia deixa imediatamente de recebê-la. Sua ausência se torna uma ação punitiva, uma forma de constranger para fazer o sujeito se arrepender. Enquanto a ação corretiva do pastor é institucionalizada a ação dos demais não é, porém tem uma grande capacidade de convencimento. O que se espera é o retorno das pessoas desviadas de uma maneira ou de outra. O convite descrito no capítulo anterior, se aplica para os sujeitos nessa situação. Sobre os ombros de quem é um desviado, está o medo constante de morrer sem está nos caminhos do Senhor e ser condenado eternamente por isso – tratarei sobre isso mais adiante.

De congregado a membro

Os congregados que escolhem seguir na igreja, ainda não estão totalmente envolvidos com ela, pois ainda resta se tornarem membros. O que é ser membro? O que é necessário para se tornar um? O presbítero Pedro falou, que “para ser tornar membro a pessoa deve ser batizada em águas. E isso é uma responsabilidade a mais, pois segunda a Bíblia o batismo em

águas é arrependimento de pecados”. O congregado deve se candidatar ao batismo com o pastor, que leva ao conhecimento da igreja que deve atestar a sua convivência na igreja e aprovar p candidato. Em seguida passa por uma preparação pois “uma pessoa que irar ser batizado em águas, deve ter conhecimento do que está fazendo, por isso, ela precisa de uma palestra ou mais” (Pedro, 24 de setembro de 2018). Andrade (2011) fala que se trata de um ritual de aceitação. O autor somente se sentiu aceito como um igual na igreja, após seu batizado em águas, antes disso, não gostava nem de ir aos cultos de Santa Ceia, pois se sentia excluído, pois os congregados podem assistir, mas não podem comer do pão ou beber do vinho.

Percebemos que o batismo em águas leva a duas mudanças, aceitar a responsabilidade de um membro da igreja, e ser aceito como um adulto na fé. Após o batizado o novo membro recebe certificado para comprovar seu batismo e águas e uma carteira de membro da congregação local. Ele pode e deve participar integralmente da Santa Ceia, caso necessite faltar deve apresentar uma justificativa junto ao pastor da igreja, que no dia da cerimônia apresentara aos demais irmãos o motivo. Caso contrário, o pastor poderá procurar o irmão para conversar, saber se está tudo bem, se o irmão está passando por alguma dificuldade espiritual etc. Faltar na ceia pode ser um sinal de distanciamento dos caminhos de Deus.

Obras e Fé: Os servos do Senhor

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras? Pode, acaso, semelhante fé salva-lo? Se um irmão ou irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”. (Tiago 2;14-17, BÍBLIA SAGRADA, 2011)

Lembro-me que durante minha vida cristã, escutei diversas vezes a passagem “fé, sem obras, por si só está morta”. Na revista da CPAD do 3º trimestre de 2014, período em que eu era professor de EBD, tem como título “Fé e Obras: Ensinos de Tiago para uma vida Cristã autêntica”. As lições conduziam para um diálogo entre os ensinamentos de Tiago, Paulo e Marcos. Acontece que enquanto os dois últimos falam de uma salvação mediante a fé, Tiago questiona a existência de fé sem as obras, pois ambas são um conjunto. Durante minha

pesquisa, conversei com alguns irmãos que compõem os cargos de ministeriais, e sempre expressaram alegria por ter uma oportunidade em trabalhar na obra de Deus. Quando questionava a motivação de trabalharem na igreja, recebi diferentes respostas, com três justificativas. A primeira é o sentimento de gratidão, a forma de expressar é era através das suas obras. Exemplo disso é o relato da irmã Elivane.

Hoje eu agradeço a Deus e ofereço um culto todos os meses em ação de graças pela cura instantânea que Deus deu a minha filha. Quando ela era criança, chorava do nada e aparecia uma forte febre e não conseguíamos entender. Em um desses dias de choro e febre alto, estávamos sozinhas e fiquei sem saber o que fazer. Então eu me coloquei de joelhos e orei a Deus, fiz um voto com ele. Após minha oração ela parou de chorar e a febre foi embora, acredito que além da cura ela também foi libertada de algum ser sobrenatural que estava tentando atingi-la” (Elivane, 5 de abril de 2018).

A segunda é o sentimento de ser chamado por Deus para vida ministerial. Me lembrou bastante a dissertação de Mauricio Júnior (2014) em que acompanha a formação de pastores pentecostais, que se reconhecem como escolhidos de Deus.

Ser chamado por Deus e ser usado por Deus, portanto, são premissas indispensáveis a todo líder pentecostal. É importante ressaltar a relação intrínseca que tais processos têm com a experiência pentecostal. Depois do episódio no qual vi o rapaz chorando abraçado ao seu pai, dirigi-me até ele para fazer algumas perguntas. Afirmei tê-lo ouvido afirmar que “agora sabia”. “O que você, agora, sabe?”, perguntei. – “Deus quer que eu seja pastor, como meu pai, tenho certeza”” (MAURÍCIO JÚNIOR, 2014, p. 12)

Escutei diversas pregações que causam a sensação de ser um escolhido divino, fica a critério do sujeito discernir, se a mensagem é para ela ou não. O trecho bíblico do evangelho de Mateus 22;14, diz que, “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”. Essa passagem é utilizada para justificar a seleção das pessoas que vão trabalhar em cargos mais importantes, por exemplo os pastores presidentes que vivem dos dízimos dos “irmãos” e deve dedicar tempo em administrar bem seu campus, pois é o seu chamado divino.

O último motivo é o medo de ser castigado por negar seu chamado, pois toda ação causa uma reação, logo se uma pessoa realiza com maestria e responsabilidade as funções ministeriais que lhe foram atribuídas, Deus com certeza não deixará passar despercebido. Por isso muitas pessoas têm medo das consequências negativas que podem recair sobre elas e suas famílias se negar alguma atribuição eclesiástica, além de sofrer pressão dos demais irmãos

caso sua resposta seja negativa. Oliveira (2014), por sua vez descreve isso como o “evangelho do medo”, ou seja, diferente do que se costuma ver na televisão, “evangelho da prosperidade” onde o que mantém a pessoa é a promessa de riquezas. Já no caso da mensagem do medo cria-se uma ideia binária de escolhas, céu/inferno. Tudo permeado pelo temor de uma vida sem Deus, sem estar salvo. Entre esses possíveis motivos de trabalhar para o Senhor, me deparei por acaso com um relato riquíssimo de um dirigente de congregação. De um lado ele vivia pressionado pela família para deixar a comunidade, vender as terras e ir viver na cidade, do outro, a falta de uma resposta divina, afinal, ele estaria abandonando o ministério. Seu relato descreve a situação de muitos moradores do interior. Uma pequena propriedade onde vive com esposa e filhas, membros de uma igreja e por alguma ocasião aceitou a responsabilidade de ser dirigente de uma pequena congregação. Com o passar do tempo, suas filhas cresceram, e tiveram a necessidade de melhores oportunidades educacionais. Com muito esforço ele comprou uma casa na cidade de Santarém, onde sua esposa e filhas passaram a residir, enquanto ele ficou morando na comunidade, cuidando da lavoura e dos animais, e claro, continuou a dirigir os cultos na pequena igreja. Porém, extremamente dividido entre a cidade e o campo, começou a ser pressionado pela esposa a vender a terra. Afinal, fazia sentido, ele já aposentado, não precisava ficar trabalhando na roça para viver. No entanto, outro fator passou a compor o peso na balança. Quem ficaria no seu lugar no ministério? Era da vontade de Deus ele abandonar o trabalho que havia começado? Foram questionamentos que ele passou a se fazer e a colocar nas suas orações, esperando uma resposta espiritual para esse dilema.

O tempo passou e nada da resposta chegar. Sem coragem de abandonar suas atividades por medo de eventuais consequências negativas, ele não sabia ao certo o que fazer. Depois de muita conversa com sua família, resolveu colocar a sua propriedade a venda. Pouco tempo depois, o dirigente e sua família foram para um culto de domingo à noite que acontecera no templo central da Assembleia de Deus em Santarém, onde o preletor falava justamente sobre as funções ministeriais e sobre os chamados de Deus para a vida de cada um. O ponto alto foi o momento que o pregador chamou a frente, todos os que estavam orando e esperando uma resposta de Deus. Automaticamente o “irmão” que tanto perguntava em orações o que fazer, pensou — “é comigo que esse homem está falando” e foi a frente, se colocou de joelhos e esperou sua resposta, no entanto o culto terminou e nada foi esclarecido.

Se despedindo de todos para ir embora, sua família já estava no carro, quando de repente alguém grita seu nome. Ele volta-se e olha quem está chamando, era um pastor conhecido seu, que pedia ajuda para algo inusitado. Levar o homem que foi o preletor da noite em uma casa próxima a casa de sua família, prontamente atendeu o pedido e conduziu o senhor até seu veículo e posteriormente até o local em questão. Antes de sair do carro o preletor perguntou, se poderia fazer uma oração pelo irmão e sua família. O dirigente aceitou a oração de bom grado e finalmente recebeu sua resposta, que era a seguinte: “que Deus fala para ti esta noite, não saia de onde está, pois para onde tu queres vir já tem muitos para fazer o teu trabalho e onde ele estava não havia ninguém”. Houve prantos e “glorificaram” falaram em línguas estranhas dentro do carro e receberam aquilo como um sinal claro de um chamado de Deus que não deveria ser questionado. Uma mistura de medo e chamado, antes não sabia se era realmente seu chamado, achava que poderia trabalhar em outro local sem nenhum problema, mas a resposta que teve foi para não abandonar o que havia começado. Sua família não o pressionou para voltar, afinal viram e ouviram a resposta, o irmão organizou uma cansativa rotina de ir e vir várias vezes durante a semana, visitar a sua família. E o que ganha com isso? Financeiramente nada, ou melhor, mais gastos. Contudo ele espera receber Paz e realização própria, além de garantir que está andando segundo as vontades de Deus.

“Nunca lhes falte zelo, sejam fervorosos, sirvam ao Senhor” (Romanos 12;11),

Em um culto de domingo à noite, um preletor usou o trecho acima como base de sua pregação. Dividiu o versículo em três partes. A primeira, refere-se ao afastamento os cristãos e o mundo, corresponde a uma vida afastadas dos prazeres da carne. A segunda, muito valorizada pelos pentecostais, é de ser “fervoroso” as línguas estranhas, por exemplo, são indicadores desse fervor, que está associada com a presença do Espírito Santo e do seu batismo (Trarei mais informações acerca do Batismo com Espírito Santo no próximo capítulo). O terceiro, corresponde ao trecho “sirvam ao Senhor” interpretado como um chamado para todos os cristãos. Acontece que, somente uma pequena parte trabalha em grandes cargos nas igrejas, os outros membros, se responsabilizam em manter financeiramente a instituição, a esses chama-se de *mantenedores*. Eles são integrantes que não possuem tempo disponível, não tem vontade realmente de trabalhar, não são devidamente

incentivados, etc. Contudo, é injusto dizer que este grupo não faz parte do ministério, ele é o mais importante, pois dar a energia para que as engrenagens do sistema se movam.

Quando se faz o questionamento “para que trabalhar na obra de Deus? ”, além dos motivos já citados, outro fator recai sobre o ombro dos cristãos. No livro de Apocalipse, último livro da Bíblia, João estabelece uma série de acontecimentos. Existem inúmeras formas de interpretar esses acontecimentos, para se entender o pensamento do cristão pentecostal, se faz necessário entender o que esperam para o após morte.

Uma Escatologia do povo de Deus e sua influência missionária

Para apresentar um esboço da escatologia Pentecostal, utilizei o livro de estudos bíblicos de Silva (2010), pois apresenta, de forma resumida, interpretações amplamente aceitas entre os pentecostais a respeito dos futuros acontecimentos. O Autor estabelece oito pontos para explicar o que a profecia bíblica prevê. São eles: I. O arrebatamento da igreja, II. A grande Tribulação, III As Bodas do Cordeiro, IV. A Batalha do Armagedon, V. O Milênio, VI. Satanás Será Solto, VII. O Juízo Final, VIII. O Estado Eterno. Vejamos.

I. O Arrebatamento da Igreja: Momento que marcará o início dos acontecimentos. Todos os cristãos que estiverem vivos serão levados da terra, os que morreram fieis a Deus, serão ressuscitados e se reuniram com os outros. Isso é uma preocupação constante para o crente, devendo sempre estar preparado para o dia da volta de Jesus, caso contrário, não subirão ao céu. Durante uma das pregações do presbítero Pedro, utilizou a parábola das dez virgens do evangelho segundo Mateus 25;1-13. Em resumo, eram dez virgens que saíram para encontrar seu noivo, cada uma portava uma lâmpada (as virgens representam os cristãos, o noivo representa Jesus). Metade delas era louca e a outra metade eram prudentes, entre a primeira metade não levaram o azeite (representa o espírito Santo) reserva, enquanto as outras sim. Chegando em determinado momento a luz apagou e somente cinco puderam prosseguir chegando até o noivo. Atrasadas, as loucas chegaram clamando para o noivo, para que deixassem elas entrar, contudo ele respondeu: “Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”. O presbítero afirmou que será assim no dia do arrebatamento, caso o crente não esteja devidamente preparado ele será como as virgens loucas e ficarão, enquanto as prudentes subirão para Deus.

II. A Grande Tribulação: Agora que a igreja foi arrebatada inicia o segundo ato. As pessoas que ficaram para trás continuaram a viver suas vidas normalmente, então surgira um novo governante na terra, o anticristo, que governará durante sete anos. Na primeira metade, todos os países irão prosperar, haverá fartura em todos os lares. Porém, na segunda metade a terra cairá em desgraça, pois o anticristo tentará receber a adoração de Deus em um templo que será construído em Jerusalém, haverá guerra, fome e muitas catástrofes naturais e sobrenaturais.

III. As Bodas do Cordeiro: Presente no livro de Apocalipse (19;9) “bem-aventurado aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro”. Esse momento aconteceu no fim da grande tribulação como uma preparação para a segunda vinda de Cristo a terra, para a batalha do armagedon.

IV. A Batalha do Armagedon: Durante a grande tribulação, as nações continuaram a existir, com o rompimento de Israel, todas as nações confederadas sobre o governo de um único líder, o anticristo, declararam guerra aos Judeus. Jesus então descera até a terra pela segunda vez e com ele um grande exército que lutara contra as tropas do anticristo e vencera.

V. O Milênio: Após a grande batalha, haverá mil anos em que Jesus irá reinar sobre a terra. Será tempos de extrema paz, onde nem mesmo os animais irão se matar, como descrito do livro de Isaías 11;6-9. Durante os mil anos quem morreu com Cristo, sem se curvar a outros deuses e não receberam a marca da besta, ressuscitará, contudo, os demais não e permanecerão mortos durante esse período (Apocalipse 20;1-6).

VI. Satanás Será Solto: Passando mil anos Satanás mais uma vez irá se libertar e novamente marchará contra Cristo e as pessoas da terra. Dessa vez será derrotado definitivamente e juntamente dos seus demônios e das pessoas que não tem seu nome no livro da vida, será lançado no lago de fogo onde irão queimaram e serão atormentados por toda eternidade (Apocalipse 20;7-10).

VII. Juízo Final: Um grande julgamento, onde aqueles que tem seu nome no livro da vida receberá sua grande recompensa e os que não tiverem, serão julgados por suas obras e condenados e lançados no lago de fogo. (Apocalipse 20;11-15)

VIII. Estado Eterno: Conhecida como a nova Jerusalém, uma cidade preparada por Jesus Cristo para a sua igreja onde viverá com ela por toda a eternidade.

Tudo que o cristão faz dentro ou fora da igreja, desde aceitar Jesus, apreender as responsabilidades de um membro e torna-se um, buscar o batismo com Espírito Santo e assumir alguma função na igreja aceitando o seu chamado divino, ser fiel as vontades de Deus, mesmo em meio a provações, levar o evangelho a outras pessoas, transformar sua vida etc., está relacionado com a crença na profecia escatológica cristã.

Apesar dessa complexidade, no cotidiano da igreja poucos detalhes aparecem. Sempre são mencionados *A volta de Jesus*, a promessa da *Nova Jerusalém*, e um galardão no céu. Isso é o que motiva os pentecostais, não importa a forma como um sujeito morre, o que determina a eternidade da alma é se a pessoa morre sendo fiel a Deus. Essa lealdade só existe se existir renúncia das vontades do corpo, responsabilidade em realizar a função que lhe foi atribuída por sua liderança, buscar todos os dias se aproximar mais de Deus (busca pelo batismo com Espírito Santo) e a de levar a mensagem do evangelho para outras pessoas. Em um culto de domingo à noite o preletor perguntou: “E se Jesus resolver voltar hoje! O que você tem para mostrar a ele?” E completou: “Você espera receber o seu galardão ou acha que não merece nada? Caso você esteja se perguntando se merece, é porque não está fazendo tudo que pode por Cristo”. Isso mostra que a volta de Jesus é ao mesmo tempo esperada e temida, pois será um gatilho para uma série de acontecimentos sem o controle da humanidade. Assim que comecei a frequentar a igreja Assembleia de Deus, escutei das lideranças, que para uma pessoa ser salva basta acreditar em Jesus, pois vivemos o tempo da graça, tudo depende do que se faz hoje. O temor de não ter nada a oferecer é relativo ao que vimos anteriormente, que a fé sem obras é inexistente, levando os pentecostais a trabalharem de forma direta e indireta para o crescimento da igreja.

O trabalho missionário é para toda a igreja, mesmo os que não tenham vocação de falar em público não fogem desta responsabilidade e, de alguma forma, ajudam na expansão do pentecostalismo. A responsabilidade é transmitir de algum modo o evangelho para outras pessoas e, mesmo quando não fala nada, o crente deve transmitir alegria, serenidade, sinceridade, pureza, companheirismo, confiança etc. A forma como o cristão encara as dificuldades também mostra que o Espírito Santo está em sua vida, levando indiretamente a mensagem de Cristo. Essa dedicação não é gratuita, pois sabe-se que tudo o que fizer hoje será recompensada na sua vida pós morte.

Capítulo III

A autoridade pentecostal – A imagem e a semelhança de Deus

Neste capítulo trago ao leitor, discussões acerca da teologia e filosofia sobre Santíssima Trindade, e de como essa ideia permeia a semelhança entre Deus e o ser humano, pois ambos são divididos em três, e ao mesmo tempo são um. Essa ideia traz desconfianças até mesmo entre os membros da igreja, como veremos a seguir. Entendendo isso, dividi em três camadas o processo de comunicação que acontece entre a Deus e o cristão pentecostal, cada uma dessas camadas são referentes a divisão do ser humano (corpo, alma e espírito). No segundo tópico, trabalho a ideia de Batismo com Espírito Santo, e de outros fenômenos originados dele, como uma ação, um Devir, como vemos na obra de Deleuze e Guattari (1997). E por último falaremos da ideia de uma ‘igreja perseguida’ e de como isso influencia na divisão do que é conhecimento *secular* e *espiritual*.

Trindade: Imagem e semelhança — Três pessoas, um só Deus

O cristianismo tem em seus ensinamentos a separação de Deus em três pessoas, que mesmo se comportando de formas diferentes são uma única divindade em essência. Apesar de ser uma doutrina bem aceita entre os evangélicos pentecostais, é importante pensar um pouco sobre seu funcionamento. Santo Agostinho descreve que enquanto caminhava pela praia pensando a respeito da trindade e de como desvenda-la através do uso da razão, avistou uma criança andando até o mar pegando um pouco de água e enchendo um buraco de areia. Se aproximou dela e perguntou — “*Olá, meu menino! O que andas a fazer? [...] Ando a transportar a água do mar para esta cova*” — respondeu o garoto — “*Olha lá: então não vêes que é impossível colocar toda a água do mar nessa cova? O mar, estás a vê-lo?, é imenso e a tua cova é tão pequenina!*” — disse Agostinho, contudo o menino transformou-se em um anjo e respondeu — “*Pois eu digo-te, Agostinho: é mais fácil para mim pôr toda a água do mar nesta cova, do que tu esgotares, só com os recursos da tua razão, as profundezas do mistério da Trindade!*” e desapareceu (AGOSTINHO, 2008).

O relato reflete tanto o passado como o presente, pois a ideia de *mistério* em torno da trindade atravessou a história e ainda é um assunto recorrente na teologia cristã. No período medieval e no início da idade moderna, questionar a ideia da trindade era uma grande blasfêmia que levava o sujeito a severas punições. Por isso, nesta época, além de mistério se construiu um grande tabu em volta da trindade, impondo assim como resposta a convicção e a fé. A Assembleia de Deus segue a doutrina da santíssima Trindade, sem fazer muitos questionamentos. Desde minha conversão, sempre questionei a respeito, mas sempre recebi rasas respostas com definições bem simples e objetivas: Deus pai é o Juiz, Deus filho é nosso Salvador, conforme afirma o evangelho de II João 2;1. Enquanto o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade é o consolador (João 14;16).

Apesar disso existem diversos estudos teológicos que procuram afirmar e explicar a separação em três pessoas e unicidade como divindade em essência. Camargo (2016, n.p) afirma que “a trindade não é incompreensível, nem inimaginável, nem impensável, mas sim delicada”. Argumenta ainda que somente pode-se entendê-la sob a luz da bíblia, com cuidado para não cair nos erros das interpretações fundamentalistas. É um debate em torno da doutrina, que deve encontrar suas respostas em torno da fronteira da fé e das escrituras. No evangelho segundo João 8;58-59, Jesus afirma ser o *Eu Sou*¹¹, mesma afirmação feita por Deus no antigo testamento a Moisés em Êxodo 3;14. Devido isso, os judeus entenderam que se tratava de alguém querendo ocupar o lugar de divindade de Deus, porém, Camargo afirma que não se tratava disso, Cristo demonstrava que ele, com o Pai eram um único. No livro de Isaías 61;1 aparece o apontamento da participação do Espírito na pessoa do Deus único. “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados”. A revista de Lições Bíblicas (2006) traz várias passagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, com a intenção de confirmar a ideia de um Deus Trino.

No dicionário bíblico de Silva (2013), direcionado ao público evangélico, encontramos a palavra ‘Deus’ como uma forma da língua latina que representa alguns nomes da Bíblia, são eles; criador(a) de uso mais frequente Elohim, que é o plural de Eloah, porém se refere a um único Deus. El-Elyon ‘o Deus Altíssimo’, El-Shaddai ‘Deus Todo poderoso’, Adonai ‘Senhor

¹¹ Disse Deus a Moisés: *Eu Sou o que Sou*. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel. *Eu Sou* me enviou a vós outro. (Êxodo 3:14, BIBLIA, 2011)

ou Superior' usado para se referir ao Deus de toda humanidade, Jeová ou Jahveh 'o Senhor, Aquele que existe por Si mesmo existe, Ser absoluto. Já Jesus Cristo é derivado da palavra hebraica *mashiab* que quer dizer Messias prometido. "O Cristo" refere-se ao título e "Jesus" ao seu nome próprio, dessa forma a revista da CPAD refere-se a Jesus Cristo como o Verbo que se fez carne, Filho de Deus, rei dos reis, Salvador, Senhor (SILVA, 2013, LIÇÕES BÍBLICAS, 2006).

A terceira pessoa da trindade tem um papel de destaque na igreja, sendo responsável por todo seu movimento. Em hebraico "espírito significa hálito ou vento, força vital, a sede dos pensamentos, sentimentos e decisões (SILVA, 2013). É dele que se origina o convencimento do coração do não crente, a mudança de comportamento e de vida, o Batismo com Espírito Santo, os dons espirituais, etc. Ele vive dentro de cada cristão desde o momento de sua conversão, contudo cabe ao sujeito se aperfeiçoar, lapidando seu comportamento a fim de santificar-se. Robert Sproul fala em seu livro "Quem é o Espírito Santo?", publicado no Brasil por uma editora destinada a formação teológica protestante, que enquanto o Cristo realizou o que era necessário para oferecer salvação morrendo na cruz, o Espírito Santo é quem aplica a obra de Cristo aos crentes. Em sua obra o autor busca clarear os conceitos a respeito de quem é a terceira pessoa da trindade e demonstrar que ele possui vontade própria (SPROUL, 2012).

Nos cultos da congregação observei a presença do Espírito Santo como personagem protagonista das eloquentes pregações. Em uma destas oportunidades o presbítero Pedro usou como base o livro de Ezequiel 2:10, para poder falar sobre a vocação do cristão. Em sua interpretação o momento em que Deus fala com Ezequiel é o momento que o Espírito Santo entra na vida do profeta, antes disso não importa quem seja ou o que sabia, tudo muda, a existência passa a ter um propósito divino. É importante destacar também outra pregação onde um preletor convidado, contou a história da escolha do rei Davi. O momento da unção com o óleo que Samuel consagra o novo rei é apresentado a igreja pelo preletor como o momento do batismo com Espírito Santo, claro que não como acontece no livro de Atos dos apóstolos, e sim como um apontamento para este batismo já que o óleo simboliza o Espírito de Deus. Mesmo que não seja exatamente o que está escrito, estes tipos de pregações são aceitos como uma forma de interpretar as escrituras. Os preletores afirmam, além da presença do Espírito Santo no antigo testamento, sua ação direta, desde tempos longínquos até os dias de hoje.

Além da pessoa de Deus, temos também a trindade humana, no livro de Gênesis 1:26, a informação que o homem é a imagem e semelhança de Deus, mesmo sem mencionar uma tricotomia, este trecho é usada como uma fonte bíblica por pentecostais para confirmar essa teoria — farei uma descrição sobre como o corpo humano é constituído no próximo tópico. Durante a pesquisa, perguntei para as pessoas a divisão do ser humano em corpo, alma e espírito. As respostas da irmã Elivane e do presbítero Pedro merecem uma atenção especial. A irmã respondeu que:

Sinceramente, eu já questionei com pessoas que tem mais conhecimento do que eu, e por, mas que eles tentem explicar nunca consegui compreender totalmente. Mesmo os líderes, pastores e presbíteros não tem uma definição real do que é espírito, alma e corpo. Claro, o espírito e o corpo estão bem definidos, O corpo é o que está do lado de fora, é a parte que vemos um do outro, e o espírito e alma estão dentro do corpo. Então, o corpo é algo que um dia vai perecer, já o espírito e a alma é algo espiritual dado por Deus, que tem atribuições bem parecidas, que permaneceram vivos, só que não sei diferenciar espírito e alma, só sei que é algo que vai permanecer vivo (Elivane, 5 de abril de 2018).

O Presbítero Pedro falou o seguinte:

O que eu entendo, é que assim como Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo, o ser humano é uma trindade também. O corpo é a matéria que necessita da alma e do espírito para viver. Agora a diferença entre alma e espírito não é tão grande, em ambos os casos, elas são os centros das emoções e do entendimento, tudo vem da alma e do espírito. Agora o espírito é mais forte, pois ele é quem dá vida, já a alma é um espectro pessoal tendendo mais para o lado do corpo do que do espírito. Desses três apenas o corpo morre e os outros dois são imortais. Mas isso depende da pessoa, pois na Bíblia Davi diz assim: "senhor me livra a alma da morte", então pelo que entendo, a alma pertence mais para a aparência do corpo suscetível ao erro, mas também é uma pessoa imortal. Tudo isso Deus vai cobrar de nós, não é porque o nosso corpo é mortal que o Senhor não vai requerer. (Pedro, 24 de setembro de 2018)

Na primeira resposta a entrevistada não soube diferenciar alma e espírito, contudo com a fala do Presbítero ficou mais claro, dizendo que não existe muita diferença entre eles, no entanto a alma tende “mais para a aparência do Corpo”, ou seja, é corruptível, mais próxima do pecado da carne, da satisfação da vontade do corpo. Já o espírito é mais forte por ser de Deus, e quem o possui consegue vencer as vontades da carne e da própria alma.

Outro dado importante da segunda resposta foi complementado durante outra conversa que tive após a entrevista, correspondente a questão da semelhança entre o ser humano e Deus o Criador. O irmão citou como referência a passagem de Gênesis 1;26 “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Argumentou que uma das provas que existem três pessoas divinas, ao mesmo tempo que o homem também é trino é a forma como Deus fala da criação do homem na primeira pessoa do plural em referência ao Espírito Santo e ao filho que estavam com ele desde sempre.

Após o rito de iniciação, ou melhor o momento em que o sujeito “aceita Jesus” simboliza a entrada do Espírito Santo no seu corpo, que o vivificará, ou seja, antes esse sujeito estava morto espiritualmente e agora ele passa a viver plenamente. O espírito tem papel central transformando toda a forma de compreensão e interpretação de mundo. De forma que ele está estritamente ligado a obtenção do conhecimento divino. Conforme Cabral (2012), em texto produzido para o site da editora oficial da Assembleia de Deus — CPADNEWS, o corpo, correspondendo a parte terrena composta pelos elementos da natureza, a alma corresponde à consciência e a sabedoria humana, e o espírito é a ligação com Deus, ou seja, a parte que se comunica com Deus pois faz parte dele. Esta tricotomia do corpo está ligada na forma como o conhecimento pentecostal é construído, não basta fazer interpretações da Bíblia, ter ou não um curso de teologia, para receber oportunidade de fala é necessário que a interpretação seja inspirada pelo espírito. Para evidenciar que ensinamento não é terreno, o preletor usa as frases; “Deus colocou no meu coração essa palavra”, “Deus falou comigo quando estava lendo esse trecho da Bíblia”, “O Espírito Santo pediu para eu cantar este hino”, etc. Isso de certo modo, tira sua responsabilidade por tais palavras ao se colocar na posição de interprete de Deus, ou aquele que traz conhecimento divino. Para ficar mais claro como esse processo de transito ocorre, vejamos a seguir três camadas que devem acontecer quando há o contanto entre sujeito e Deus.

Na camada do espírito, Deus consegue falar com o sujeito através de um sentido espiritual que não necessita de linguagens simbólicas. Não existe restrições sobre quem pode ou não experimentar essa conversa, o único critério é que o cristão queira de coração, busque em seus atos e orações se aproximar do Espírito de Deus pois essa relação de proximidade é adquirida no momento do Batismo com Espírito Santo.

A alma corresponde ao intelecto e consciência do ser humano. Mesmo tendo um sentido apurado e já tendo passado pela experiência do Batismo com Espírito Santo, ainda é

necessário ter uma alma fortalecida. Segundo um dos sermões local, o cristão é como um atleta que se prepara para uma grande competição, ele se abstém de várias coisas que tem vontade de fazer para estar preparado. Como visto anteriormente a alma tem uma tendência natural a querer realizar as vontades da carne, o que acaba corrompendo sua essência. Contudo, se fizer a vontade do espírito ela estará no caminho oposto, se fortalecendo, ou seja, a analogia do atleta e do cristão serve de motivação para que o sujeito continue seguindo fielmente os caminhos de Deus e normas da igreja.

O corpo corresponde a última camada, sendo responsável pelo resultado final da relação. Nesse ponto o cristão já possui um entendimento pessoal do que Deus falou com ele, no entanto ainda falta compartilhar com as pessoas essa experiência. O corpo não é espiritual ele tem suas próprias vontades. Porém quando existe harmonia entre os três, o corpo recebe o dom de fala e converte em símbolos corporais e linguísticos todo o conhecimento obtido pelo espírito e o transmite para a igreja.

A transmissão pode ser feita de três maneiras. Como vimos no capítulo anterior a mudança de comportamento e hábitos, quando positivos, leva outras pessoas a ter a curiosidade de saber o motivo da transformação. A segunda é a transmissão oral, que pode ser feita desde conversas com amigos de trabalho até falar em um púlpito de uma igreja. Por último a escrita que está presente na Bíblia e em várias revistas e livros dos mais diversos autores e autoridades religiosas. Também existe uma quantidade enorme de mídias que circulam nos mais diversos meios de comunicação permitindo a formação rápida de novos sujeitos transmissores. Quando acontece em um culto pessoas falando em línguas estranhas, só se caracteriza uma transmissão de conhecimento se tiver alguém para interpretar, ou se a própria pessoa tiver este dom.

Batismo com Espírito Santo: A busca por autoridade Espiritual e Social

Uma das coisas mais buscadas pelos pentecostais é o batismo com Espírito Santo, também chamado de Batismo com fogo. Isso acontece por vários motivos, entre eles, como visto no capítulo I, o livro de Atos dos Apóstolos registra a primeira experiência coletiva desse batismo no dia de pentecostes (Celebração judaica que acontece 50 dias após a páscoa), por isso é usado como principal referência para a doutrina pentecostal. A Assembleia de Deus faz parte das chamadas igrejas pentecostais clássicas, ou de primeira onda, elas demandam o

retorno às raízes do cristianismo. Outro motivo é justamente a característica histórica da igreja que coloca a glossolalia como um dos grandes diferenciais, contudo não como uma novidade e sim na estruturação doutrinária que marca o devido lugar deste fenômeno na celebração (FREESTON, 1993).

Os cantos, as orações, as pregações, são elementos que fazem com que as pessoas sintam várias emoções. Sorrisos, choros, alegria e tristeza se confundem em meio aos clamores dos fiéis, pois uma mensagem pode ser interpretada e acionar sentidos emocionais diferentes em cada um, atribuindo ao agir do Espírito Santo. Porém, é a glossolalia o sinal do batismo com fogo, tanto que o irmão Pedro durante sua entrevista disse que “o primeiro sinal do batismo com Espírito Santo é falar em línguas [...] Ele pode se alegrar, chorar, fazer o que fizer, mas se não falou em línguas estranhas ele não foi batizado, pois esse é o sinal”. Para ele tudo mudou depois desta experiência “em cem por cento”, porém não soube me dizer em que de fato houve essa mudança. Em um de seus sermões direcionados aos jovens, fez um relato de sua mocidade e de quando ainda era uma criança na fé. O irmão sempre andava com um pastor de nome Raimundo Nonato e tinha grande admiração pela forma como o líder falava com a igreja sobre a palavra de Deus. O pastor, mesmo com duros sermões, era muito querido pelos demais, possuía dons de palavra, profecia, de falar e interpretar línguas estranhas. Um dia resolveu perguntar ao pastor “O que devo fazer para ter uma palavra tão boa como a sua?”, ao que o pastor perguntou de volta: “Você já foi batizado pelo Espírito Santo?”. O irmão respondeu que não, então o pastor disse: “Enquanto não for batizado nunca terá uma boa palavra, pois não tem nenhum dom espiritual ainda!”. Esse episódio foi o estopim para o início de sua busca pelo batismo com Espírito Santo.

Na mesma noite que o presbítero relatou sua história, após o fim de sua pregação, convidou todos os jovens e quem mais tivesse vontade de ser “cheios pelo espírito” vir até a frente do púlpito. Então todos os jovens do coral e mais alguns que estavam sentados em outros bancos foram à frente. O presbítero pediu para que cada um fechasse os olhos e começasse a fazer uma oração colocando suas vidas totalmente nas mãos de Deus e pedindo para que seu Espírito descesse sobre eles naquela noite. Iniciou ele também uma oração pegando na cabeça de cada pessoa que foi a frente. Enquanto ele segurava a cabeça e orava a pessoa começava a chorar e gritar bem alto: “glória a Deus” e “glórias” repetidas vezes. Algumas delas também começavam a falar línguas estranhas. Além das pessoas que estavam recebendo oração, as que estavam nos bancos também gritavam e falavam em outras línguas,

pulavam e batiam palmas. A oração do presbítero tinha efeito diferente em cada um, em uma das jovens do coral aconteceu que, enquanto recebia a oração ela começou a bater fortemente seus pés contra o chão, chorando e falando em línguas, após o presbítero tirar a mão que estava sobre sua cabeça ela saiu do meio das pessoas girando, batendo palmas e em seguida desmaiou. Seu pai saiu do seu lugar, pegando em seus braços colocou a garota no banco da frente dos jovens e ficou ao seu lado até voltar sua consciência.

Acabando a oração o presbítero devolveu o microfone para o pastor Isael que com breves palavras expressou alegria sobre a forma pela qual o Espírito Santo havia presenteado a Igreja com sua presença. Explicou também que é difícil dizer o que acontece com alguém no momento do batismo, pois cada um sente-se diferente e reage diferente. Olhei para a jovem, ainda estava com o olhar perdido e ficando sentada com ajuda de outra moça, devido ao desmaio, porém todos sorriam demonstrando grande satisfação pelo que tinha acontecido (incluído a jovem que no fim do culto já estava bem e muito feliz).

Diferente do Batismo em águas, visto no capítulo, II onde quem escolhe o momento certo é o congregado e sua liderança, no caso do batismo com Espírito Santo, quem determina o momento é Deus. Por isso, é comum os relatos de pessoas que foram batizadas enquanto trabalhavam na roça, limpavam a casa, dormiam e até dirigiam seus veículos. Maués (2003) relata uma experiência:

Fui de carro, do campus para uma igreja suburbana do meio-oeste, onde tinha lugar a reunião semanal do grupo de oração Cristo Rei, juntamente com um estudante de medicina e uma aluna de graduação, ambos membros do grupo. No caminho, o estudante de medicina sugeriu orações como forma de preparação espiritual para a reunião. Eu estava no banco traseiro do carro, enquanto os dois, na frente, devotamente oravam em línguas. Teorias sobre o transe e sobre estados alterados de consciência ocupavam completamente meus pensamentos enquanto nos aproximávamos do sinal vermelho. Eu especulava sobre se alguém em transe poderia parar em tempo no sinal e sobre o porquê do fato de minha primeira evidência empírica sobre esse tópico tinha de ser adquirida com tal risco aparente. Nada aconteceu. Não tive mesmo qualquer indício de que os reflexos do motorista tivessem se tornado mais lentos. (Csordas, 1997b, apud MAUÉS, 2003, p. 25, tradução do autor)

Maués (2003) também relata, que durante sua experiência de campo presenciou dirigentes fazendo orações em línguas, interromperem de repente para poder receber algum recado importante e depois voltarem de onde tinham parado. O autor trata da questão como uma pausa no êxtase ou transe, pois ele está consciente o tempo todo de tudo que está em sua volta, assim como no caso de o batismo acontecer durante a execução de alguma coisa que

requer atenção, como no relato acima, não oferecer um risco. A perda de consciência acontece somente quando o sujeito se permite. Mas acredito que essa não seja uma maneira satisfatória de entender a questão. O batismo com Espírito Santo não é um transe, se trata de uma ação, um devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997), e mesmo quem passou pela experiência não consegue explicar totalmente. Porém, a característica mais presente nas respostas foi o sentimento de proximidade com Deus e a leve perda dos sentidos, que pode ser descrito como leveza do corpo ou simplesmente “sentir-se em outro lugar”. Porém, em nenhum momento se esquece do que está à sua volta, e qualificar isso como um “transe”, ou um caso de “histeria coletiva”, é uma rasa e estereotipada compreensão deste fenômeno. Estes termos são usados de forma pejorativa por pessoas de fora das igrejas pentecostais, por esse motivo busquei pensar o batismo com Espírito Santo e todos os fenômenos derivados dele como uma ação. O Espírito Santo, por ser uma pessoa, possui suas próprias vontades. Para que a relação entre o humano e Espírito Santo se estabeleça, deve haver cumplicidade: ambos devem se escolher, o cristão busca aproximar-se de Deus, e o Espírito Santo determina o momento que o batizará.

Quando pensamos em devir Espírito Santo, a ideia de drama social e de performance tornam-se insatisfatórias. Schechner (2011), por exemplo, ao observar a dança dos cervos no Arizona, questiona sobre se “aquilo era um homem ou um cervo simultaneamente? ”, percebendo que naquele momento ele é um “não eu” ao mesmo tempo que é um “não não eu”, sua própria identidade, e aquela do cervo, é localizável apenas nas áreas liminais da “caracterização”, “representação”, “imitação”, “transportação” e “transformação”. Contudo, seria mais apropriado olharmos para esse fenômeno como algo análogo ao devir animal. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997), não se trata de uma imitação ou de se fazer de algo ou se identificar com ele, também não se trata de analogias objetivas entre os agentes ou da imaginação: o que é real é o próprio devir, não é uma transformação do humano em animal ou vice-versa, pois o devir não pode produzir nada além dele mesmo.

O devir animal é uma aliança com o mais excepcional, o líder da matilha, ou o antigo líder solitário. Já o devir vivido pelos pentecostais se dá em relação a um Deus solitário como divindade, contudo dividido em três pessoas com personalidades próprias, constituindo assim uma multiplicidade. A Bíblia registra diversas passagens de aliança entre Deus e o homem. Os judeus possuem um ancestral que fez a primeira aliança. Deus estabelece uma aliança com Abraão que será transferida para toda a sua descendência (Gênesis 17;7). Porém, esta é a antiga aliança, dissolvida por Cristo, que retirando a necessidade do ancestral comum fez uma

nova aliança com a humanidade, conforme escreveu Paulo: “da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto sempre que o beberem em memória de mim" (I Coríntios 11;25).

Sempre se fala na Assembleia de Deus que “o batismo com Espírito Santo é um revestimento de poder” — Referenciado pela passagem de Atos dos Apóstolos 1:8 — e este revestimento espiritual fornece ao sujeito autoridade no contexto social e religioso. O que torna essa pessoa capacitada não é sua convivência social (como por exemplo, formação, trabalho ou classe social) e sim o Espírito Santo lhe imbuí das capacidades necessárias para desempenhar da melhor forma possível suas funções. Essa capacitação leva à valorização do sujeito, o que ajuda a enfrentar os problemas de sua vida periférica nas grandes cidades e promover transformações do seu contexto social (CASTRO, 2013 p. 69). Essa autoridade serve especificamente para falar dos ensinamentos de Deus.

E não basta somente viver o batismo com fogo, ele deve ser constantemente renovado, caso contrário o espírito de Deus irar se distanciar do cristão ao ponto de ele voltar do início do caminho. Perguntei se houve mudança na vida da irmã após o batismo com Espírito Santo, ela respondeu que:

Mudou, quando você já teve a experiência, sabe que ela é gostosa, porque se sente bem pertinho de Deus. Muda no aspecto de adoração, quando você está ali na igreja, ou em qualquer lugar adorando e já sentiu o gosto do batismo com Espírito Santo, você quer buscar mais. Então mudou no aspecto de adoração a Deus. Hoje eu acredito, que busco nos momentos que estou adorando, para poder viver novamente a experiência, e não perder o dom que Deus me deu. Se você estiver estagnado ali, sem adorar em espírito e em verdade, alguns teólogos acreditam que quem recebe o dom não perde, enquanto outros já dizem que perde. Eu fico entre os dois pensamentos e como não quero perder meu dom, busco muito, entendeu, então mudou no aspecto de adoração. (Elivane, 5 de abril 2018).

Esse trecho nos abre para duas questões. Uma pessoa pode ser batizada pelo Espírito Santo mais de uma vez? Uma pessoa só é batizada uma única vez, porém a experiência pode acontecer várias vezes, mas já não é denominada como o batismo e sim como um *renovo*. Como existe uma espécie de contrato de comunhão entre o sujeito e o Espírito de Deus, tanto um como o outro devem cumprir seus papéis nesta relação. Em um dos sermões do presbítero Pedro, já citado no capítulo anterior ele usou o trecho de Mateus 25 que conta a parábola das

10 virgens. Retomo aqui essa passagem pois temos três importantes analogias: O noivo que é Cristo, as virgens com suas lamparinas representam os cristãos e o óleo que representa o Espírito Santo o presbítero ensinou que o ser humano é como uma lamparina que precisa sempre ser cheia para que o fogo não se apague. Isto estimula o fiel, mesmo se ele já chegou do auge da sua experiência espiritual, ter sede de reviver e buscar a presença de Deus. Através dessa observação percebemos que existe uma compulsória obrigatória pelo batismo, ainda que isso não seja uma garantia vitalícia de reconhecimento por Deus e pelos demais como um cristão fiel e fervoroso.

A outra questão que o trecho da fala da irmã remete é: O que o batismo com Espírito Santo proporciona? Não tem como responder sem antes falarmos dos dons que a irmã diz ter medo de perder. No seu caso ela estava se referindo ao dom de glossolalia, no entanto existem muitos outros dons do espírito presente entre os batizados. É comum em congressos promovidos pela igreja, convidar preletores que possuem uma fama devido aos seus dons espirituais. Os anúncios feitos em carros de som pela comunidade geralmente colocam essas dádivas em destaque para chamar a atenção e atrair mais pessoas. Paulo fala sobre esses dons no trecho a seguir.

A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso. Porque a uma é dada, mediante o espírito, a palavra de sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro pelo mesmo Espírito a fé e a outro pelo mesmo Espírito os dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de Espírito; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente (1 Coríntios 12:7-11, BÍBLIA SAGRADA, 2011).

Existem ao todo nove dons, e a revista da CPAD (2014) separa em três grupos; Dons de Revelação, Dons de Poder e Dons de elocução¹². Assim como no batismo, não existe

¹² *Dons de Revelação: Palavra de sabedoria* – Capacitação divina sobrenatural para tomada de decisões sábias e em circunstâncias extremas e difíceis. *Palavra da ciência* – Também é uma capacitação divina e sobrenatural concebida pelo Espírito Santo ao crente para este conhecer fatos e circunstâncias ocultas. *Discernimento de Espírito* – É uma capacidade sobrenatural dada por Deus ao crente para discernir a origem e a natureza das manifestações espirituais. *Dons de Poder: Dom da fé* – É a capacidade que o espírito concede ao crente para este realizar coisas que transcendem à esfera natural da vida, objetivando sempre a edificação da igreja. *Dons de Cura* – São recursos de caráter sobrenatural para atuarem na cura de qualquer tipo de enfermidade. *Dom de operação de Maravilhas* – Este dom realiza obras extraordinárias além do poder humano. O dom de [...] alterar a ordem natural das coisas consideradas impossíveis e impensáveis. *Dons de Elocução: Dom de Profecia* – [...] refere-se a mensagens espontâneas, inspiradas pelo Espírito, em uma língua conhecida para quem fala e também para quem ouve, objetivando edificar, exortar ou consolar a pessoa destinatária da mensagem. *Variedade de Línguas* – É a habilidade de falar em uma língua que o próprio falante não entende, para fins de louvor, oração ou transmissão de uma

restrições, todos podem buscar os dons e a única exigência é que já seja batizado com fogo, podendo vir a se manifestar imediatamente alguns dos dons. E isso é algo curioso, nenhum destes dons é atribuído a capacidade humana, pois mesmo operando por um sujeito a manifestação é imprevisível. Dado que ocorre segundo a vontade do Espírito Santo, e o sujeito é apenas um canal que Deus utiliza para distribuir sua graça e sabedoria a igreja.

Cada um destes dons, mesmo não sendo de controle do sujeito, lhe fornece uma autoridade, em virtude disso cargos ministeriais altos exigem o batismo com Espírito Santo. Entre os pastores é imprescindível a presença dos dons de Palavra de sabedoria e conhecimento. Essas duas estão relacionadas ao conhecimento da palavra de Deus e à habilidade de como transmitir este conhecimento com uma pitada de carisma. E dessa forma a Assembleia de Deus dispensa formações acadêmicas (é possível encontrar líderes que nunca terminaram o primário), mas não dispensa a formação espiritual proporcionada pelo batismo com Espírito Santo em seus cargos de liderança.

Já falamos no capítulo anterior sobre o novo convertido e os nascidos na fé, é na conversão que o espírito de Deus passa a viver no crente. Uma pessoa que possui dons espirituais (principalmente o dom de palavra de sabedoria e conhecimento) recebe uma importante missão, a de transmitir, levando a quem “não conhece Deus” sua mensagem. Deleuze e Guattari (1997) falam sobre a capacidade de se reproduzir sem a necessidade de uma produção hereditária, uma multiplicidade sem um ancestral. Essa propagação se dá aos moldes dos devires lobisomem e vampiro, que convivem em bandos e se reproduzem através do contágio. Assim é a reprodução do pentecostalismo, não existe ninguém nascido cristão, torna-se um cristão independente de ser um nascido na fé ou um convertido. A responsabilidade de levar a mensagem do Espírito de Deus cabe a todo crente, o convencimento cabe ao Espírito Santo.

Além disso, em um Devir “estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, n.p), pude observar isso logo nos primeiros cultos que participei. Era um domingo à noite e tudo seguia o cronograma; oração inicial, leitura da palavra, louvores e oportunidades. Em uma dessas oportunidades, o Pastor Isael chamou o presbítero Adelson, que não falou

mensagem divina. *Interpretação de Línguas* –capacidade de interpretar no próprio vernáculo, aquilo que foi pronunciado em línguas estranhas (Thomas Hoover apud CPAD, 2014).

muito, apenas expressou sua alegria de estar na *casa de Deus* e ouvir as pessoas adorando a ele. Enquanto ele falava sobre o sentimento de alegria e a gratidão de estar ali, começou a se emocionar e, quando olhei para o rosto de algumas pessoas, percebi que a sua emoção estava contagiando os demais. Voltei minha atenção para o irmão, que agora havia abaixado a cabeça e começado a falar em línguas estranhas, depois levantou a cabeça e começou a sapatear e bater palmas, enquanto isso todos os outros também estavam chorando, falando em línguas estranhas, pulando e gritando, etc. E durante alguns minutos todos ficaram assim, o presbítero foi se acalmando e, com isso, as pessoas também. É como o questionamento de Deleuze e Guattari (1997), afinal “o que seria um lobo sozinho? E uma baleia, um piolho, um rato, uma mosca?” Não teria sentido nenhum o irmão está à frente gritando, pulando, batendo palmas e falando em línguas se os demais não correspondessem.

Fronteiras entre o Divino e Secular

Desde o início da pesquisa, procurei relações entre os conhecimentos produzidos dentro e fora da igreja. Contudo, surgiu uma outra questão que me surgiu ao escutar o discurso da igreja perseguida. Apesar de não se tratar de uma minoria, os evangélicos são a segunda maior religião em número de membros do país, ficando atrás apenas do catolicismo, prevalece a ideia de um povo perseguido desde o início dos tempos. A Assembleia de Deus não é isenta desta ideia, inclusive carrega traços disso em sua história de formação. Na biografia de Daniel Berg publicado pela CPAD, o autor relata que os missionários suecos foram injustamente desligados da Batista, e mesmo assim conseguiram fundar a igreja Assembleia de Deus como conhecemos hoje (BERG, 1994).

O argumento de sofrimento e perseguição é frequente nas pregações, exemplo disso presenciei diversos cultos onde o preletor falava sobre a perseguição do “povo de Deus”. Nesta narrativa o grande vilão é as demais pessoas do mundo, ou seja, tudo o que é externo a igreja. Esse medo faz com que se crie uma grande dualidade entre o “bem” representado pelas pessoas que servem a Deus e buscam o caminho da santidade e o “mal” representado por todas as demais pessoas no mundo. Entre as pregações, uma em especial no penúltimo culto que participei na igreja, o preletor colocava pessoas normais como inimigos potenciais: “tudo que acontece contra a eleita do Senhor é obra do inimigo. Muitas vezes ele pode se manifesta com o seu vizinho, em um amigo ou de alguém da própria família que não seja da igreja para

tentar de desviar dos caminhos do Senhor”. Ou seja, tudo que está fora da igreja é um perigo eminente e o fiel deve ter cuidado redobrado.

Não é uma questão que eu tenha conseguido me aprofundar, até por só ter me atentado a ela nos últimos dias de minha pesquisa, mas é algo de extrema importância e que precisaria ser analisado mais a fundo. No momento, irei me deter em fazer uma relação entre essa separação e as mídias sociais, músicas, programas de TV, livros, etc. Surge a dualidade entre as, coisas espirituais e não-espirituais. O conhecimento sofre esta divisão sendo classificado como divino ou espiritual de um lado e secular de outro. O primeiro corresponde ao conhecimento que tem como fonte a fé dos pentecostais. Cria-se uma relação de comunicação com Deus através da oração, da leitura da palavra, louvores, audição dos cultos e as mídias cristãs. O presbítero Pedro diz que “Não existe outro lugar para o homem encontrar conhecimento espiritual, a não ser na fonte, que é a palavra. É lá que nós a encontramos o nosso conhecimento espiritual, é na palavra do senhor, é na pessoa do senhor Jesus”. Ele também falou que:

Quando estamos em cima de uma tribuna, se falamos coisas materiais, não está vindo de Deus. Na verdade, nem é permitido falar coisas materiais dentro da casa do Senhor. Tudo que se fala em um púlpito deve ser espiritual. Caso contrário, não estar vindo do Senhor, e lá não é o lugar apropriado para tocar nesse tipo de assunto. (Pedro, 24 de setembro de 2018)

Já o irmão Lucas colocou em sua resposta uma diferença entre Divino e teologia:

A teologia estar no sangue do homem, mas a divindade estar no de Deus, enquanto a teologia é teoria criada pelo homem, por exemplo, se o homem pregar teologia no púlpito da igreja, ele vai pregar teoria, o público não vai sentir nada, porque é só uma questão de conhecimento, agora as coisas divinas, que vem do céu, as pessoas já irão receber algo diferente na sua vida. O conhecimento divino só é adquirido pelos que aceitam Jesus e buscam pelo conhecimento divino. (Lucas Gama, dirigente da igreja do 15).

As duas respostas diferem e mostram que a fronteira entre divino e secular é difícil de estabelecer, pois enquanto o presbítero fala que nem é permitido falar de coisas materiais, ou seja, não espirituais na igreja, o irmão Lucas define a teologia como secular. O espiritual se

senti, é a capacidade de causar uma reação positiva na vida da pessoa, algo que não se pode estudar para aprender pois vem do espírito. Mas, como vimos anteriormente, é a partir do corpo que é feito a transmissão do conhecimento dado por Deus. E se este conhecimento for retransmitido pelos que escutaram não receberiam características de um conhecimento secular? Isso mostra que o que divide secular e divino é um fino véu, mostra que entre as partes existe uma convergência em relação à fonte, quando coloca a Bíblia é única fonte de conhecimento espiritual e o restante das coisas fonte do conhecimento secular.

No início deste capítulo falei sobre a pregação do presbítero Pedro utilizando o texto base de Ezequiel 2:10. Chamo a atenção para o fato que durante a mensagem o preletor fala que Ezequiel ainda jovem acumulou conhecimento e conseguiu torna-se um sacerdote, porém isso não impediu que os babilônicos o levassem como prisioneiro. O que faltava a Ezequiel? Existe uma convergência na fala do presbítero na pregação com a fala do irmão Lucas na entrevista. Faltava que a Ezequiel uma experiência com Deus, por mais que tenha acumulado conhecimento, não era o conhecimento inspirado pelo Espírito Santo.

Considerações Finais

Leitores atentos e conhecedores da história do pentecostalismo devem ter percebido que este trabalho não traz uma análise aprofundada nesse sentido. Acontece que, ao longo da pesquisa, percebi a dificuldade de explicar o fenômeno do Batismo com Espírito Santo sem antes fazer uma contextualização, explorando minimamente a história dessa religião específica. Então me preocupei em informar o leitor sobre o assunto, de forma a situa-lo em minha pesquisa, podendo tanto conhecer a história e as engrenagens que movimentam esta igreja.

Trabalhei de forma rápida os congressos dos jovens e do círculo de oração. Ainda que eu não tenha podido participar de nenhum destes eventos durante o meu campo, certamente existem muitos elementos que merecem ser estudados com uma atenção dedicada a estas festividades e aos grupos que as organizam, descrevendo os cargos da igreja e como as pessoas chegam a eles e são nomeadas, fazendo uma breve análise sobre o espaço destinado às mulheres, sem aprofundar o argumento, mas notando que, mesmo sendo maioria, elas não recebem oportunidades iguais aos homens neste espaço. Outra questão importante, que surgiu durante a pesquisa, foi o discurso de igreja perseguida, porém não tive tempo o suficiente para realizar pesquisas e me limitei em falar na divisão entre o *povo de Deus* e o *mundo*. Contudo Souza (2017), traz ao leitor uma boa contextualização a respeito das perseguições que a Assembleia de Deus sofreu durante seus primeiros anos. No seu artigo também constam diversos trechos de decisões tomadas durante as convenções.

Também reservei um espaço para falar do cristão pentecostal, abordando seu objetivo de levar a mensagem de salvação evangélica para outras pessoas que não conhecem a Jesus ou que estão longe de seus caminhos. Tratei da divisão entre *novo convertidos* e *nascidos na fé*. Distinções são comuns no meio pentecostal. Por exemplo: *crente* e o *não crente*, *congregados* e *membros*, *liderança* e *liderados*, *desviados* e *salvos* etc. O que pode determinar essas distinções são as decisões individuais e coletivas e a agência de forças divinas nessas escolhas. Por exemplo, quando alguém aceita a Jesus, deixa de ser um *não crente* e passa a ser um *crente*, *congregado* e *liderado*, mas ainda não é um membro da igreja; somente após o

batismo em águas passará a ser reconhecido como um, deixando de ser um congregado, mas mantendo as outras duas designações. Se o sujeito irá ou não se tornar uma *liderança*, isso dependerá da agência divina, um chamado especial em que Deus determina quem irá ser um líder. No entanto, mesmo um pastor não deixa de ser um *liderado*, pois responde a alguém em uma posição hierárquica mais alta. Já o *desviado* não é mais identificado exatamente como um não crente, e sim como uma pessoa que conhece a Cristo, mas, por algum motivo, decidiu sair dos seus caminhos. Para entender melhor o ponto de vista de alguém nessas circunstâncias, recomendo a leitura do livro de Oliveira (2012), pois trata-se de um relato pessoal sobre os motivos que levaram o autor a sair da Assembleia de Deus. Durante meu campo não tive contato com alguém que estivesse *desviado* da igreja, mas com certeza um estudo antropológico com esse grupo de pessoas traria resultados interessantes.

Ainda falando sobre o chamado divino, é importante notar que aqui se manifesta a agência espiritual em ser um escolhido. Esta agência também se estende para as mensagens levadas aos púlpitos pelos preletores, que se colocam como interlocutores do Espírito de Santo e direcionam muitas vezes palavras ásperas a pessoas específicas. Percebemos que agência de Deus pode se demonstrar nas falas dos cristãos, quando recebem oportunidade de ir ao púlpito, elas geralmente falam frases como as seguintes: “O espírito falou em meu coração para cantar este hino/ler esta leitura/dar essa palavra/falar sobre isso ou aquilo”. Essas frases tem o efeito de colocarem tudo o que ocorre no púlpito como uma vontade divina, e influenciam como os demais receberam aquela informação. Outro bom exemplo, é quando algum preletor com algum dom espiritual (principalmente se tratando de um dom de cura), vem para um evento na igreja, anuncia-se em carros de som, dando evidencia nas possíveis dádivas que irar receber daquele pregador, passando a ideia que é algo que pode ser controlado livremente por ele — com efeito, muitas pessoas saem de suas casas em busca dessa cura anunciada – mas, caso alguém presente não alcançar o milagre desejado, isso é simplesmente atribuído a vontade de Deus. No momento do culto, este preletor age com extrema autoridade. Nota-se, por exemplo, este trecho de uma oração realizada em um culto dominical: “Eu expulso todo o espírito de enfermidade, todo o mal que está sob sua vida. Sai! Sai! Sai, agora em nome de Jesus”. Esta propriedade em sua fala, soa como ordem direta, para que Deus realize aquele milagre. Caso aconteça uma cura instantânea no decorrer da oração, por mais que pareça ser uma ação da pessoa, trata-se de uma ação conjunta, que é ao mesmo

tempo do sujeito e do Espírito Santo pois, como vimos anteriormente, caso quem possua esse dom ore pela cura de alguém e isso não aconteça, se atribui que isso foi uma vontade de Deus.

Outro ponto interessante a respeito da agência é a espiritualização das coisas materiais, que podem ser demonstradas em dois casos distintos. O primeiro o irmão atribuí a vontade de Deus o fato de ter que vender sua produção de pimenta por um preço baixo se comparado ao ano anterior, assim como também atribuí todas as suas conquistas pessoais a bênçãos dadas por Deus. O outro caso é o irmão dirigente que esperou uma resposta de Deus, para saber se ele poderia ou não largar seu cargo na igreja, vender suas terras no interior e ir viver com a família na cidade. E essa resposta veio através de um irmão que pegou carona em seu carro, após um culto (Esses dois relatos estão na íntegra no Capítulo II). Percebemos aqui, que a agência se mostra de uma maneira diferente: não é mas o sujeito que está falando o que deve acontecer, na verdade ele está apenas aceitando o que deus está dando a ele, ou seja a agência pode aparecer simplesmente como a manifestação da vontade de Deus sobre a vida do cristão.

Nunca tive pretensões de entrar a fundo no debate teológico e filosófico sobre a Santíssima Trindade, mas sim de falar da sua ação na vida do cristão. Por isso não me coloco na difícil missão de explicar a existência ou não da trindade cristã, e sim como ela é compreendida pelos pentecostais. Mesmo assim, realizei leituras tanto de alguns teólogos que se debruçaram sobre o assunto quanto das revistas usadas para ensinar aos assembleianos a doutrina da trindade. É imprescindível conhecer esse assunto para poder entender o que acontece no culto pentecostal, pois a todo momento fazem referência às três pessoas da trindade sem separá-las, e não devem ser separadas pois estamos tratando de uma multiplicidade (no sentido definido por DELEUZE e GUATTARI, 1997). Trata-se de algo indivisível, pois se mudarmos suas dimensões, acrescentarmos ou separarmos algo, mudamos de multiplicidade, pois transformamos sua natureza. Deus, Jesus e o Espírito Santo, sendo três, são apenas um; são manifestações de um único ser, mas são manifestações distintas, de modo que nem é possível dizer o que diferencia cada um dos três, nem tampouco dizer que são exatamente iguais. Sendo um, são três: nesse sentido trata-se de uma multiplicidade. A tricotomia humana, *corpo, alma e espírito*, se assemelha com a Santíssima Trindade, e mesmo não existindo na Bíblia, evidências diretas a isso, existem trechos apontados pelos pentecostais, que referenciam que elas são reais divididos em três e ao mesmo tempo um — confira algumas referências que me foram apontadas; Romanos 1:20, Coríntios 1:8, I Pedro 1:2, João 10:30.

A princípio, meu interesse era de encontrar na comunidade alguém que não soubesse ler e escrever e estivesse em algum cargo importante na igreja, mas, apesar de encontrar pessoas com baixa escolaridade, nenhuma se encaixava neste perfil. Pretendia fazer uma análise sobre como a pessoa sem o domínio da escrita — ou seja, mesmo sem poder ler a Bíblia — obtinha conhecimento e conseguia oportunidade para ensinar os demais. E a partir disso falar sobre o que era definido como conhecimento secular e o conhecimento divino. Outra ideia que estava em meu pré-projeto, mas não se sustentou no decorrer da pesquisa, foi a hipótese de que o batismo com Espírito Santo era uma forma de legitimar a fala das pessoas nas igrejas. Percebi que nenhum irmão que entrevistei expressava essa mesma percepção. O motivo foi que a palavra *legitimidade* era interpretada por meus interlocutores como atribuição de superioridade a alguém. Observando os cultos, e as falas das pessoas, percebi que tratavam com naturalidade a palavra *autoridade* e que o batismo com Espírito Santo conferia aos cristãos *autoridade espiritual*, o que permite ter propriedade em tudo que fazem, principalmente se tratando em falar do evangelho, de forma que seja o Espírito Santo agindo através delas.

Mas de que exatamente estou tratado? Pode parecer estranho aproximar ao ambiente pentecostal a ideia de devir animal, tal como elaborado por Deleuze e Guattari (1997) – os autores também fazem referência a outros devires. Mas como falar de devir dentro da igreja? A resposta está nos elementos presentes no devir animal, que também podem ser observados em um devir Espírito Santo, um devir entre entidades que estão sob efeito simbiótico. As manifestações nos cultos (e às vezes fora deles) comumente chamadas de “transe”, ou mesmo de “histeria coletiva”, nos servem aqui de exemplo. Essas mesmas manifestações também são alvo de críticas de pessoas de outras religiões, que falam desses momentos como uma encenação, ou mesmo acusam os pastores de forjarem situações de cura, por exemplo, para iludir os fiéis. Mas quando ocorre glossolalia, não se trata de “transe” ou de um ataque “histórico”, e não é assim que as pessoas descrevem sua experiência, Maués (2003) também percebe que as pessoas têm total controle e conhecimento do que está ao seu redor, podendo fazer interrupções em seguida voltar de onde parou. Também não se trata de uma performance, no sentido de uma encenação: trata-se de uma conexão real entre o Espírito Santo e uma pessoa.

Naquele momento, não daria para dizer se a pessoa é ela mesma ou o Espírito Santo, pois ela está *devindo* Espírito Santo: como dizem Deleuze e Guattari (1997), o que é real é o

próprio devir. Isto implica na agência de Deus sob o humano e do humano sob Deus, ou seja, as decisões são únicas, derivadas de uma escolha conjunta, mas com um certo tom de autoridade concedida pelo batismo com Espírito Santo e atributos advindos dele. Ou seja, as pessoas não apenas *devem Espírito Santo* no momento em que está falando em línguas ou qualquer outro tipo de manifestação na igreja ou fora dela. Podemos também falar em *devir* como algo com um sentido mais amplo, que tem efeito transformador na vida do pentecostal como um todo, pois conforme o conceito bíblico de Atos dos Apóstolos 1:8 — “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o espírito Santo, e sereis minhas testemunhas [...]” — vemos que além de o espírito de Deus viver no cristão, a partir da sua conversão, após o batismo com fogo ele pode agir livremente através dele não só nos momentos de celebração, já que o espírito Santo está a todo momento com o sujeito, a todo momento ele está *devindo Espírito Santo*.

Só poderíamos olhar esse momento como uma performance se nos aproximarmos da definição de Ferreira (2009, p. 99) que diz que, fazendo uma tradução mais literal do termo francês, significa realizar inteiramente, ou experimentar por completo. Os que passaram pelo batismo com fogo sentem-se completos, trata-se de um momento de ápice na vivência de sua fé. Porém não existe uma segunda experiência idêntica à primeira, o que acontece é o renovo desse batismo que é acompanhado pela glossolalia que se estende para um grupo de pessoas. Com essa eclosão durante o culto, recorrer a teorias de representação ou da performance mostram-se muito limitadas. Já uma ideia de um *devir* Espírito Santo leva a sérios sentimentos, percepções, experiências e racionalizações dos cristãos, sem imputar sobre eles um julgamento exterior de que se trata de “histeria”. Além disso, assim como em um devir animal, no devir Espírito Santo também estamos “lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, np.)

Espero que tenha conseguido deixar claro a proposta deste trabalho, onde passamos pela história e estrutura organizacional, os sujeitos envolvidos nesse processo e qual caminho podem seguir dentro da igreja Assembleia de Deus. Tudo isso para chegarmos ao ponto chave, que é a experiência do batismo com Espírito Santo, uma forma pela qual o cristão é revestido de um poder (BÍBLIA SAGRADA, 2011, Lucas 24:49) — usando a forma que eles chamam este poder — que é a fonte de sua autoridade espiritual.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **De Trinitate: Livros IX – XIII**. Covilhã: Lusosofia.net, 2008.
- ANDRADE, Eliakim Lucena de. **Entre a “Casa do Senhor” e o “Mundo”**: Uma Investigação Etnográfica em uma Igreja Pentecostal. 2011. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Graduação em Ciências Sociais, Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/KBpocv>>. Acesso em: 08 abr. 2018.
- ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e Gênero**: O Imaginário Sobre o Lugar da Mulher na Igreja Neopentecostal. 2011. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.
- ARAUJO, Isael de. **A primeira edição foi lançada na cidade de Recife, em 1922**. 2007. Disponível em: <<http://www.harpacrista.com.br/historia.php?i=1>>. Acesso em: 19 nov. 2018.
- BERG, David. **Daniel Berg**: Enviado Por Deus. Rio de Janeiro: Cpad, 1995. 262 p.
- BRAZ, Polyanny Lílian do Amaral. Rituais da Igreja do Véu: Uma breve etnografia sobre os principais costumes e práticas da Congregação Cristã no Brasil. **REIA**: Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, Recife, v. 4, n. 4, p.91-111, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231676>>. Acesso em: 15 set. 2018.
- BÍBLIA SAGRADA**: Antigo e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida. São: SBB, 2011.
- CABRAL, Elienai. **A tricotomia do homem**. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nkh9Ta>>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- CAMARGO, Ivan. **Três em Um**: Como o cristianismo define a Trindade. [S.L.: s.n.], 2016. 158 p.
- CASTRO, Reinaldo Aparecido de. **Pentecostalismo e sociedade de consumo**: Análise de comunidades pentecostais no distrito de Riacho Grande, em São Bernado do Campo. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, Rio de Janeiro, 2013.
- CGADB (Brasil). **História da CGADB**. Disponível em: <<https://bit.ly/2RuwAO5>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CGADB. **COMIEADEPA-01**. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2E8oaFe>>. Acesso em: 3 nov. 2018.
- CHAVES, Alexandre da Silva. Pentecostalismo: Religião em Transição. **Nures Puc-sp**, São Paulo, p.1-19, maio 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/24097>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

- CHESTER, Tim. **Conhecendo o Deus trino: porque Pai, Filho e Espírito**. São José dos Campos: Fiel Editora, 2016.
- CORDOVA, Tiago de. **História da igreja evangélica Assembleia de Deus de Ijuí**. 2012. 53 f. Monografia (Especialização) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/nPtYYe>>. Acesso em: 06 jan. 2018.
- COSTA, José Wellington Bezerra. **BIOGRAFIA**. 1997. Documento da câmara municipal de São Paulo. Disponível em: <<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/justificativa/JPDL0116-1997.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- CPAD NEWS, Redação CPAD News. **Pastor José Wellington Costa Junior é empossado novo líder da CGADB**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/vAE8Sa>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. 176 p.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Teatralização do sagrado islâmico: a palavra, a voz e o gesto. **Religião & Sociedade**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.95-125, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-85872009000100005>
- FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Gênero e Religião: a questão do ministério feminino na Igreja Assembléia de Deus. **Caminhos: Revista de Ciência da Religião**, Goiais, v. 7, p.311-333, dez. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2EaDXDh>>. Acesso em: 1 dez. 2018.
- FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia, Unicamp, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. 323 p. Disponível em: <<https://goo.gl/nAJxKf>>. Acesso em: 3 mar. 2018.
- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. 2005 "Etnografia da performance musical - identidade, auteridade e transformação" in: **Horizontes Antropológicos**, vol. 11 no. 24 Porto Alegre Jul/Dec. 2005 p. 155-184.
- LIÇÕES BÍBLICAS**. Rio de Janeiro: Cpad, 2014. Trimestral.
- _____. Rio de Janeiro: Cpad, 2006 Trimestral.
- LOBO, Andréa Maria Carneiro; PORTELLA, José Roberto Braga. **Percursos da História Moderna**. São Paulo: Intersaberes, 2017. 264 p.
- LOPES, Deivis Vânio. **A Organização Eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas/RS**. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Universidad e Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp062307.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- MAUÉS, Raymundo Herald. "Bailando com o Senhor": técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). **Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 46, n. 1, p.1-32, 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-77012003000100001>.

- MAURÍCIO JÚNIOR, Cleonardo Gil de Barros. **Vasos nas mãos do oleiro: a constituição do pastor pentecostal**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Cfch, Recife, 2014.
- OLIVEIRA, Kelleson Vitorino de. **Igreja Evangélica e Eu: Confissões de um desviado**. Belo Horizonte: Folium Editorial, 2014. 91 p.
- PINTO, Ana Cândida Pena Vieira. **Presença feminina na liderança neopentecostal brasileira: as profetisas do Espírito Santo e novas formas de adesão religiosa**. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2J8IhGA>>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, [s.l.], v. 20, n. 20, p.213-236, 30 mar. 2011. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p213-236>.
- SILVA, Claudemir Pedroso da. **Dicionário e estudos bíblicos**. São Paulo: Pae Editora, 2013.
- _____. **Ministério Pastoral E liderança: Um guia prático para todos os envolvidos no ministério**. São Paulo: Dlc, 2011. 254 p.
- _____. **Estudos Bíblicos: O conhecimento da palavra de Deus**. São Paulo: Dlc, 2010.
- SOUZA, Everson de Oliveira. Usos e costumes e a origem da Assembleia de Deus e de seus usos e costumes. **Unitas: Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 5, n. 2, p.589-605, ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2SvsAO0>>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- SPROUL, Robert Charles. **Quem é o Espírito Santo?** São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.
- TURNER, Victor. Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual - um ensaio de simbologia comparativa. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.214-257, 27 dez. 2012. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2012v17n2p214>.
- _____. 2008. "Dramas Sociais e metáforas rituais" in *Dramas, campos e Metáforas*. Rio de Janeiro: EdUFF. p. 19-53.
- VASCONCELOS JUNIOR, Luciano Bezerra de et al. Escola Bíblica Dominical: Um Espaço de Educação Formal ou Não Formal?. In: CONEDU - Congresso Nacional de Educação, 3, 2016, Natal: **Editorarealize**, 2016. p. 1 - 12. Disponível em: <<https://goo.gl/NfCwTu>>. Acesso em: 31 fev. 2018.